

FICÇÃO CIENTÍFICA

 POPULAR BRASILEIRA

PARÓDIAS APÓCRIFAS

PARTE 1

FERNANDO
ZÉCA
CORINTHIANO



NOTAS PRÉ INTRODUTORIAS

Qualquer semelhança com fatos ocorridos, nomes, personalidades ou localidades deste ou de outros universos paralelos, é mera coincidência.

Esta obra foi produzida espontaneamente, com o objetivo de dar uma biografia para o avatar que utilizo no game STAR TREK ONLINE de nome FERNANDO ZECA CORINTHIANO, que nesse espírito, tornou-se um dos protagonistas das linhas adiante.

Comecei escrevendo um conto de poucas páginas, e posteriormente me surgiram outras ideias para agregar à inicial até ser alcançado o resultado que está em suas mãos.

Este trabalho ajudou a aliviar alguns dos estresses do meu dia a dia, e espero que possa divertir os/as queridos/as leitores/as que corajosamente tenham chegado até aqui.

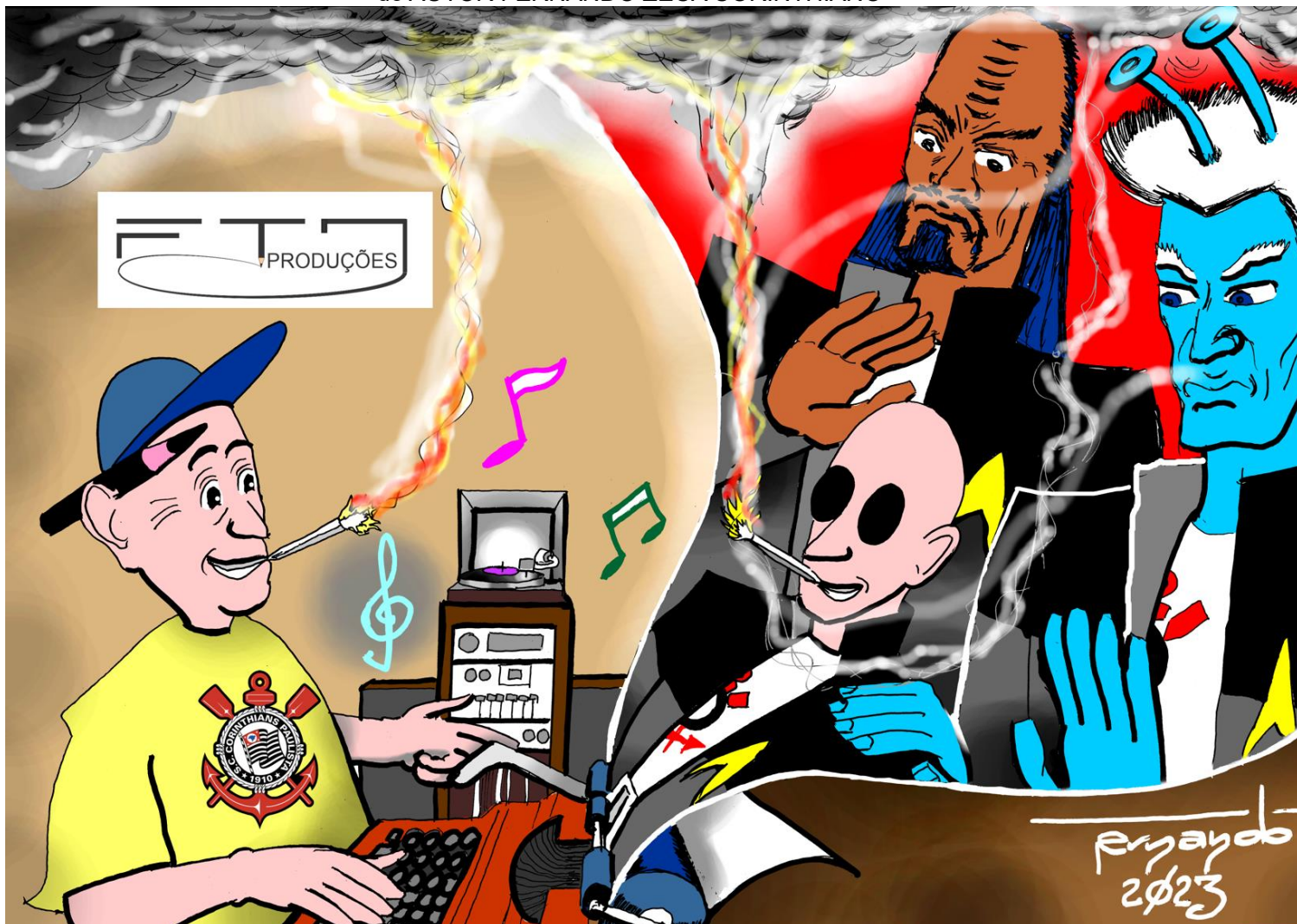
Ou então, que ao menos sirvam de parâmetro de comparação aos futuros escritores e críticos daquilo que seja, ou não, uma paródia de qualidade.

Finalizo pedindo as minhas escusas pela presença de eventuais inconsistências entre os textos, estudos e desenhos de minha autoria.

OBRIGADO PELO SEU PRESTÍGIO.

FTJ PRODUÇÕES

Empreendimento sem fins lucrativos para divulgação
do AUTOR FERNANDO ZECA CORINTHIANO



PARÓDIAS APÓCRIFAS

PRÓLOGO



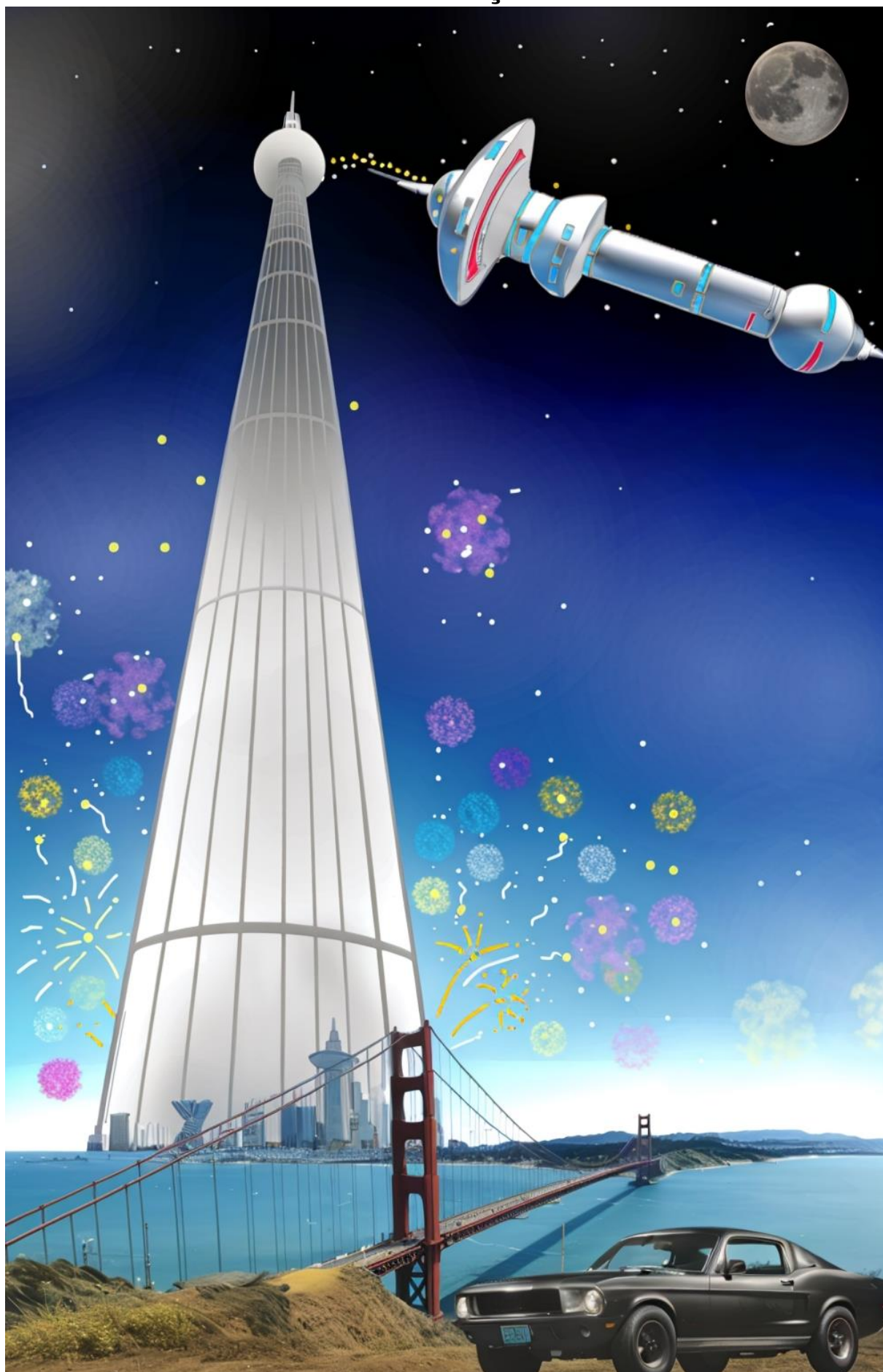
Na profunda escuridão, em algum lugar inatingível para qualquer humano, Kali, a Deusa da destruição e renovação prepara-se para impulsionar ainda mais a violenta roda que transformará definitivamente toda a vida conhecida pelo universo.

Em decorrência do início destes eventos aterrorizantes, dor, morte, ódio e violência serão inevitáveis.

Concomitantemente ao impulso que dava tamanho pandemônio, um dos vários braços da divindade, trabalhando em sincronia com os outros membros do corpo, estendeu-se avançando por domínios fantásticos, levando a um casal humano que encontrava-se no ápice do seu amor, uma poderosa e muitíssimo bem preparada semente que se desenvolveria no fruto daquela união, para futuramente cumprir o próprio destino, vigiando pela sobrevivência da ordem remanescente, mas também, destruindo de modo a assegurar assim o retorno aos tempos de paz, e harmonia, que futuramente serão demolidos e reformados sucessivamente, até o fim definitivo de todos os tempos.



INTRODUÇÃO



SEÇÃO ANEXA do GABINETE PRESIDENCIAL
DA FEDERAÇÃO DOS PLANETAS UNIDOS
SAO FRANCISCO – CALIFORNIA

Naquela noite, o brilho da cidade estava ainda mais cintilante do que o normal, por conta das festividades, decorrentes da mudança da Presidência, da Federação dos Planetas Unidos (UNITED FEDERATION of PLANETS), cujos poderes, seriam passados, das mãos do atual mandatário, também um dos Fundadores da Instituição, para o seu Sucessor.

Diante da janela da sala, Johnatan Archer finalmente pôde contemplar a paisagem, depois de separar alguns poucos objetos pessoais que levaria embora consigo, já que, em treze minutos, a partir da zero hora, seu período na função que exercia, se encerraria.

Só naquele momento, depois de muito trabalho incessante, finalmente relaxaria para refletir, e fazer um balanço geral do legado que deixava.

Na sua Presidencia, a Federação dos Planetas Unidos (uma poderosa aliança entre raças de diversos sistemas planetários, liderada por humanos da Terra, vulcanos, andorianos e tellaritas) ganhou muito espaço e poder na galáxia.

Tamanha conquista não veio sem esforço.

O caminho foi tortuoso, cheio de espinhos e, totalmente diferente, do que os manuais e regulamentos previam...

Muitos planos infalíveis, redundaram em completo fracasso, eventualmente cobrando, custos altíssimos para viabilizar a realização de uma façanha maior.

De qualquer forma, as fundações foram colocadas para a realização do trabalho que ainda restava a ser feito no futuro, fosse este, a expansão e manutenção dos ideais da Federação, galáxia afora.

Algo com que, o Presidente Archer, não mais estaria diretamente envolvido.

Ainda que, muito mais, pudesse ter sido realizado, ou, menos decisões difíceis, deixadas para o futuro, restava o sentimento de dever cumprido.

Erros e acertos, seriam corrigidos, ou, perpetuados, pelas próximas administrações...

De qualquer forma, o Presidente Archer sentiria falta, daquele agradável ambiente climatizado, limpo e bem organizado onde trabalhou por bastante tempo.

Tantos foram os serviços realizados, que acabou nem mesmo, disfrutando dos luxos disponíveis pelas diversas seções anexas do Gabinete Presidencial, sendo que, até sua alimentação, durante este período, foi extremamente regrada, não se permitindo sequer a ingestão de bebidas alcóolicas, fossem estas, legais ou não.

Os pertences pessoais, já estavam prontos sobre a mesa, para serem despachados, liberando deste modo também, aquela seção do Gabinete para o próximo Presidente.

Dentre os ítems, havia uma garrafa de cachaça mineira do Brasil, que, ganhara de um amigo, porém, jamais tivera tempo de, sequer, um gole experimentar.

Como sabia que apenas uma tragada da bebida, era capaz de mudar os humores do apreciador, nunca a saboreou, até para não perder a clareza de comando, que considerava indispensável para o desempenho de suas funções no cargo.

Deixara a garrafa reservada para uma ocasião especial, em que, finalmente, pudesse relaxar.

Esta oportunidade, se daria exatamente após a meia noite, momento em que, já não teria mais poderes para assinar ou autorizar qualquer ato como Presidente da Federação

dos Planetas Unidos, daí então, apenas participaria de mais algumas formalidades, para finalmente, disfrutar sossegado, a merecida e tão esperada aposentadoria ao lado dos familiares mais próximos.



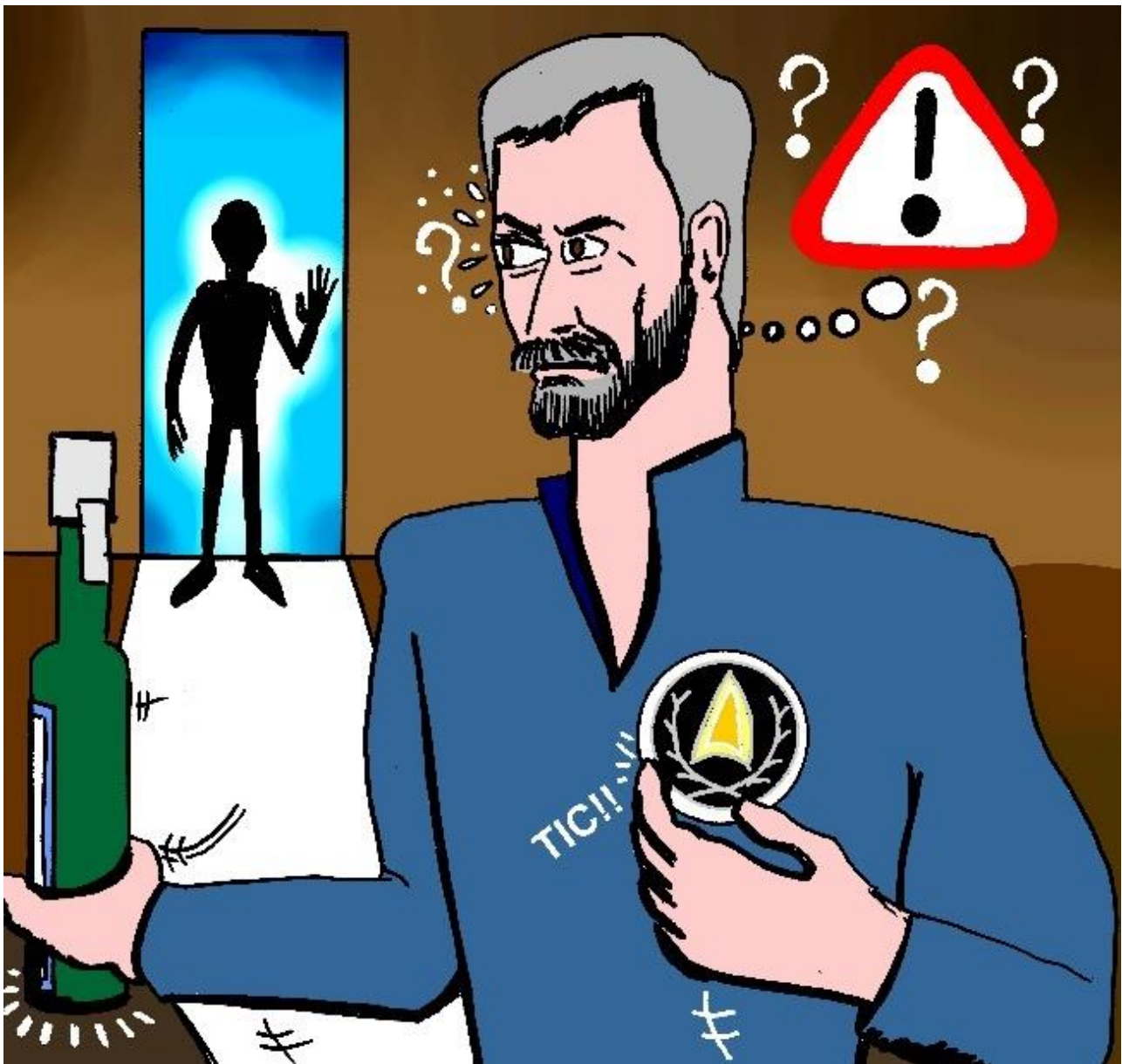
Sorridente, pegou a garrafa transparente com a pinga dourada e, quando ia romper o lacre de papel, sobre a sua tampa, ouviu uma voz conhecida:

-Jhon...

O semblante risonho presidencial desfez rapidamente, transformando-se numa careta de poucos amigos.

Adiante da sua mesa, estava um velho conhecido:

Daniels.



A cara do Presidente Archer demonstrava preocupação.

Quando Daniels aparecia, trazia consigo grandes, problemas para serem resolvidos.

Tão complicados que, ele vinha com as soluções do futuro, para evitar as complicações antes mesmo, que estas se iniciassem.

Sim! Daniels é um viajante do tempo e o Presidente ainda não havia se acostumado com suas repentinas e inesperadas chegadas, de tal modo, que, com uma expressão facial rabugenta, indagou:

-O que te traz aqui, Daniels? Alguma nova guerra temporal ameaçando o futuro da galaxia?

-Não desta vez, John. Nada tão eminente.

A mente ainda presidencial acionou o alerta amarelo, no pin colocado em sua jaqueta, mas não aconteceu nada.

Curioso, o ainda Presidente olhou ao redor só para constatar que naquele momento, não havia mais ninguém no gabinete, e incrivelmente, as câmeras de segurança estavam desativadas!

Aparentando uma tensa tranquilidade, tentou ignorar o problema.

-Daniels! O que quer que tenha te trazido aqui, se não é ameaça assim tão urgente, pode esperar, pra ser decidido junto ao Presidente que me sucederá logo mais.

“Meu dever agora é com aposentadoria...”

-Não se preocupe John. Você vai disfrutar dela com tranquilidade. Entretanto, algo ainda precisa ser feito antes de você passar os poderes para seu sucessor.

A expressão facial do Presidente ficou pesada e escura:

-Daniels! Acho que seu relógio está atrasado! Não tenho muito mais que alguns minutos no posto. O que eu poderia fazer agora?



-Muito, John.

“Você ainda pode deixar pronto, um forte escudo que vai garantir a sobrevivência da Federação por séculos.”

-Se não é nada urgente, Daniels, o próximo Presidente te faz isso...

-Não John! A assinatura dos seus sucessores, neste assunto, não terá o mesmo impacto, da de um dos Fundadores...

-Assinatura?

Johnatan Archer sentiu um calafrio, ainda mais intenso do que nas vezes anteriores, que Daniels lhe apareceu misteriosamente.

-Sim. Como verás, não é nada que vá lhe colocar a vida em risco, John.

-Não é isso que me preocupa agora.

“No que minha assinatura será usada, Daniels?”

O inesperado visitante sorriu e perguntou:

-Está lembrado da solicitação da Tenente Comandante Elizabeth Bondmader?

-Claro que sim, Daniels.

“Quem esquece uma mulher tão brilhante? Ela está subindo rapido e certamente seár um dia, uma de nossas mais valorosas capitãs ou oficiais de alto comando. Esta jovem tem muito preparo. ”

O Presidente fêz uma pausa, deu um sorriso pelo canto da boca dizendo:

-Daniels: acredite ou não, sei bem do que você está falando.

“Eu faço a lição de casa e verifico tudo o que passa pela minha mesa. Incluindo estas sugestões.”

“A Bete é uma jovem muito talentosa, com ideias que certamente... UM DIA SERÃO IMPLEMENTADAS... Mas não por mim.”

“Eu agora terminei meus serviços.”

Archer estava irredutível mesmo sabendo que o homem adiante de si era mesmo Daniels, afinal, o assunto que conversavam era ULTRA SIGILOSO - TOP SECRET.

Somente o Presidente e a própria Elizabeth tinham conhecimento do que se tratava.

-Vou deixar o caso para o meu sucessor.

“O que está sendo pedido envolve muitos créditos, e acho melhor o Conselho deliberar sobre o assunto.”

-John! A ideia da Tenente deve ser implementada imediatamente! Antes do próximo Presidente assumir.

O Presidente Archer se irritou e bateu firme na própria mesa, com o punho.

-Daniels! Mas isso envolve muitos créditos!”

“De onde acha que vou puxar o montante para abrir uma nova Agência de espionagem? Basicamente, é disso que se trata a ideia da Bete.”

“Ademais Frota e a Federação já tem seus próprios departamentos com esta finalidade”

-John! A ideia dela se refere a uma Agência exclusiva e independente com poderes para interferir na Frota e até na própria Federação, se necessário.

“Você vai garantir para a criação desta, alguns créditos que temporariamente lhe assegurarão a existência até que esta possa custear as próprias missões, e, através daí, obter mais recursos para fazer seus serviços nas sombras, sem qualquer interferência política, ou mesmo Presidencial, se esta for comprometida.”

-Já temos instituições assim, Daniels.

-Não com este grau de independência e sigilo John!

“Nem com poderes de assumir responsabilidade por ações e operações secretas que contrariariam os preceitos fundamentais da própria Federação.”

O Presidente empalideceu ao ouvir aquilo...

-O que você está dizendo, Daniels?

-A Federação não sobreviverá por muito tempo no jogo cósmico de poder entre as grandes forças galácticas, se não tiver escondidos nas mangas alguns coringas e Áses que operem fora dos manuais e regramentos.

“Destas cartas escondidas é que dependerá a sobrevivência da Federação no Futuro.”

“E como só jogando honradamente não se garante a vitória por muito tempo; esta medida de segurança deve ser implementada imediatamente”.

“Se não for agora, poderá não ser nunca, já que, outros mandatários certamente distorcerão o objetivo da proposta inicial, deturpando-a para algo diferente.”

“O meio político e as cadeias de comando da Federação, estão contaminadas e infiltradas por elementos estranhos, John. Não há tempo a perder.

O Presidente arregalou os olhos, mas, manteve o semblante firme.

-Daniels. Eu não posso.

“Isso demanda créditos que os cofres não dispõem.”

“Um negócio deste, tem que ser controlado, senão vira bagunça.”

Daniels aproximou-se da mesa do Presidente, e, acima do tampo brilhante desta, fez com a palma da mão, um movimento, depois do qual, surgiu um mapa tridimensional brilhante, contendo vários elementos coloridos.



O Presidente com olhos treinados, logo analisou toda aquela informação disposta a sua frente:

-Droga Daniels! Eu li as ideias dela que, envolvem até, o confisco de patrimônio de recursos dos inimigos da Federação sem qualquer processo legal!

“Com o passar do tempo, essa agência secreta paralela, ficará ainda mais poderosa que a própria Frota Estelar!”

“E se for mal administrada, no futuro, poderá se tornar uma central de chantagens capaz de mudar a história”

-De fato, mas ela estará à serviço da Federação e de seus ideais, John!

“Se você não fizer algo agora, os inimigos farão em breve.”

“Portanto, a implementação da solicitação da Elizabeth tem que ser feita já!

“Com sua assinatura!”

-Caramba Daniels! Vou largar isso para o próximo Presidente!

“Ele que resolva! Deixa eu terminar meu mandato em paz!”

“Já me enchi de ficar assinando papelada que chega com pouca explicação na última hora, quando não, com atraso, cheia de responsabilizações que caem nas minhas costas.”

-John! Você não pode deixar o seu sucessor definir este assunto.

“É por isso que estou aqui!”

O Presidente não parecia convencido.

Com semblante fechado, olhava para todas aquelas informações a sua frente...

-Daniels! Sei que você fez uma viagem, vamos dizer assim... Longa... Mas...

“Ainda acho que seria melhor deixar este assunto para o próximo conselho decidir...”

-Será tarde demais, John.

“Elizabeth deve começar seu trabalho imediatamente, e de forma discreta.”

O Presidente olhava aquela projeção sobre sua mesa com extrema seriedade.

-Daniels! O que você está me pedindo?

“Esse negócio vai custar trilhões de créditos... Não quero o contribuinte pagando essa...”

-No futuro, nenhum destes custos sairá diretamente da Federação, John.

“Os planos da Tenente já preveem a independência financeira da Agencia em não mais que quinze dias de operacionalização.”

“Apenas dê a Elizabeth os meios para implantar as ações necessárias”...

Enquanto ouvia, o Presidente interagiu com a projeção analisando alguns aspectos legislativos ali dispostos...

-Muito poder na mão de pouca gente, Daniels...

Jonathan Archer sentou na sua poltrona, apertou botões no teclado ali instalados.

Em seguida, a solicitação da Tenente Elizabeth foi projetada também.

O Presidente, mais uma vez, analisou-a detalhada e friamente

-Sei que não é uma idéia ruim, Daniels.

“Tem seus méritos, e, até, pesos e medidas, para que não degradingole, mesmo assim é um instrumento muito poderoso em mãos que... Se não forem as certas...”

-John... Elizabeth Bondmader é uma pessoa fiel e confiável.

-Concordo! Isso não está em questão. Conheço-a bem. Tenente guerreira e Justa!

“Mais isso vai além dela...É um projeto de gerações...”

-John! Vim do seu futuro para, mais uma vez, te pedir que confie em mim, e, principalmente, na solicitação dela...

-Não é só minha reputação que está em jogo aqui, Daniels. Não estou preocupado com a minha biografia.

“Esse negócio, se der errado, pode acabar com todo o sonho de uma Federação justa e honesta não restando pedra sobre pedra.”

-John! Você está fazendo a coisa certa. Não duvide disso, nem perca essa chance.

“É só o que te peço.”

O Presidente entendia que, de fato, aquela solicitação em algum momento, no futuro, de maneira e forma, certa ou errada, seria levada adiante, até porquê, tratava-se de um modelo novo administrativo de agencia de serviço secreto, que também traria benefícios diferenciados.

Baseado na sua experiência pessoal e no que conhecia sobre o assunto, o ainda Presidente fez diversas considerações e pontuações ali mesmo na solicitação.

Em seguida, aprovou, assinou, e despachou.

Foi o último ato executivo da Presidencia Archer na Federação dos Planetas Unidos.

Dali para frente, só cumpriria algumas poucas formalidades já programadas.

Mal este ato se concluiu, com sucesso, as projeções se apagaram e a sala da Seção Anexa do Gabinete Presidencial ficou um pouco mais escura do que estava antes.

Daniels já não estava mais lá.

O relógio finalmente indicou meia noite.

Chegava um novo dia, e, com ele, Jonathan Archer refletia se, o seu último ato teria, de fato, sido acertado, conforme Daniels lhe prometera.

Acabou esquecendo a garrafa de cachaça brasileira que abriria para experimentar e celebrar o fim do seu serviço.



A VOLTA DOS QUE NÃO FORAM

Para se dar um salto adiante, eventualmente, é necessário voltar alguns passos para trás, e, assim, pegar impulso, antes da nova tentativa.

Com tal pretexto, retornaremos algumas décadas no passado da data do capítulo anterior, posicionando esta leitura, em ponto, que se permita contemplar, o distante planeta ALORAX, localizado nas imediações, dos domínios, do ainda arrogante IMPÉRIO ROMULANO, um complexo estado com domínios extraplanetários de muitas facetas, em especial, a do intervencionismo ilegal completamente desprovido de qualquer princípio ético-moral.



Deste modo, não fazia a menor diferença, se a localização de ALORAX estava fora, (como era de fato) ou, dentro do perímetro oficial romulano, para que alí houvessem violentas intervenções que de fato ocorriam, e eram segundo as conveniências: solenemente ignorada pelos altos mandatários do setor, sendo assim, politicamente inexistente, embora, seus efeitos, fossem perceptíveis até mesmo para um cego...

Fora dos oceanos bravios do planeta vermelho Alorax, em seus vastos continentes, haviam lugares que as condições eram agressivas qualquer que fosse o clima, mas, eram ainda piores nos calorentos desertos de areia, com ares pós apocalípticos de céu escarlate.

Assim, neste cenário caótico, forças e poderes de distintas esferas, convergem para atuar, competindo por poder, enquanto que, o nativo povo aloraxiano luta bravamente com o pouco que tem, para defender a própria dignidade.

As cidades que não tiveram sorte diante de tantos dissabores, tornaram-se foco da resistência dos poucos heróis abnegados que, a despeito do sofrimento, defendiam a terra e dignidade combatendo, cada dia, um inimigo diferente, que o cotidiano impunha.

Aonde as condições para a vida eram mais propícias, se encontravam pujantes megalópoles envoltas por gigantescas redomas transparentes, protegidas de eventuais turbulências atmosféricas ou, geofísicas sendo que, a parte externa destas super-cidades protegidas variava de região para região havendo em muitos casos florestas tão selvagens, que por si só já serviriam de proteção contra qualquer invasor que se aventurasse por terra.

Noutros, existiam favelas, onde viviam os excluídos do sistema.

Fora das colossais redomas transparentes aloraxianas, também haviam diversas concentrações populacionais mal e bem urbanificadas, que se encontravam no meio de áreas de poucos recursos naturais, nas desérticas, naquelas abaladas por catástrofes

naturais ou onde quer que a guerra tenha marcado presença.

Numa delas: em Nova Ciméria, outra megalópole, que, no momento se encontrava destroçada por sucessivos ataques romulanos, na região onde ficava o bairro RED SECTOR A, em meio ao entulho do local ocorre outro fato incomum.

E sem explicação, depois de um brilho rápido e ofuscante, surge inexplicavelmente, uma mancha esbranquiçada de formas incertas, próximo às ruínas locais.

Aos poucos, seus contornos vão se definindo até formar uma porta branca, ereta naquele cenário catastrófico, como se fosse uma peça de arte em exposição.

Então, um som nesta indicou que estava sendo destrancada.

A maçaneta girou com a porta abrindo passagem, de onde saiu um alto humanóide de pele azul, cabelos brancos, vestindo um traje moderno

O grandalhão azul olhou ao redor, e sua expressão facial logo demonstrou insatisfação com o lugar tão desprovido de qualquer conforto.

Sem perda de tempo, girou nos calcanhares e tentou voltar pelo mesmo caminho de onde viera.

Quase conseguiu... Involuntariamente, trombou de frente, com outro humanóide que saiu pela mesma porta, este, maior e ainda mais forte.

-P*rr@ Azulão! Sai do caminho! - Reclamou em tom de gozação, o segundo recém-chegado, que também acabara de passar pelos umbrais da estranha porta brilhante.

A aparência deste recém-chegado grandalhão era assustadora.

Longo cabelão despenteado, barbudo, pele escura e expressões faciais mal humoradas.

Também vestia roupas iguais às do primeiro recém-chegado de pele azul..

-Karrow! - Bradou Azulão. – Acho que Zéca trouxe a gente para alguma enrascada!

-De novo? - Indagou o gigante chamado Karrow...

Outro humanóide também passou pela porta. Este, um careca baixote barrigudo, que também usava o mesmo uniforme dos outros dois, além de óculos escuros redondos.



-Que m3#d@ de lugar é esse, Zéca?!?! - Indagou Azulão, com expressão sofrida, dirigindo-se ao baixote recém chegado. - Você já conseguiu acionar o mau humor klingon do Karrow.

-Também não sei onde estamos. - Respondeu o careca com a típica expressão de cachorro desentendido recém chegado que acabou de ser lançado para fora do caminhão de mudança.

-Então é melhor voltar. – Rapidamente sugeriu Azulão, enquanto olhava ao redor. – Este lugar cheira encrenca pura.

Karrow, o klingon grandalhão, estava com cara de desconfiado.

-Tem razão, Azulão. Melhor voltarmos!

Assim que Karrow e Azulão fizeram menção em retornar, a porta desapareceu misteriosamente, deixando os três ali, sem possibilidade de retorno pela passagem por onde haviam acabado de chegar.

-O caminho de volta agora está bloqueado. - Constatou secamente Karrow, o gigante, com cara de poucos amigos.

-E aí Zéca? Foi você quem meteu a gente nessa...

-Verifica aí o TRICORDER que eu te dei. - Respondeu o careca Zeca para o Azulão.

- O que ele tá indicando?

[...**NOTA DO AUTOR: TRICORDER** é uma ferramenta do universo STAR TREK utilizada para escanear uma área ou local de interesse obtendo informações que serão comparados com seu centro computadorizado de dados para emitir relatórios, estudos e análises...]



-Essa porcaria aqui só mostra uma direção.

-Então está tudo ok. – Confirmou o baixote careca.

“Se está mostrando algo, é esta indicação que deveremos seguir.”

Azulão ainda, fazia visível expressão de dúvida, agora, com relação ao aparelho:

-Nunca vi esse modelo de tricorder, dá para explicar como funciona?”

-Não, mas confie em mim.” - Disse Zeca.

-Esta doeu até nos meus ouvidos. – Lamuriou-se Karrow, o grandalhão Klingon com cara de sofrimento reflexivo. – Até perdi as contas de quantas milhares de vezes eu confiei nessa cantoria...

-Assim como eu... – Concordou Azulão. – Para no fim sair estriado em todas elas.

-Calma senhores! Vocês estão chorando de barriga cheia...

-Lá vem a choradeira de novo. – Protestou Karrow. – É tanta lamentação que até os guerreiros mais valentes choram ouvindo o Zéca...

Azulão tirou algumas pastilhas do bolso, engoliu algumas e deu outras para Karrow.

-Tome ai um pouco de testosterona, porque na nossa idade, a gente se comove fácil com os queixumes do Zeca...

-Obrigado. – Disse Karrow pegando e engolindo a medicação.

-Vocês estão de sacanagem comigo. – Lastimou Zéca. – Tenho confiança nesse aparelho porque já usei um igual antes, e sei o que tou falando. Durmam no meu barulho.”

-Durmam no meu barulho... – Imitou Karrow, a fala de Zéca com voz entonada

-E acreditar que o meu coração gentil e caridoso está sendo mais uma vez enrolado pelas trapalhadas que esse Zéca mete a gente...

-Nem me diga, camarada...

-Nem me diga, camarada. – Reclamou Zéca. – Vamos em frente e parem de zombarias pra cima de mim.

Conformados e sem alternativas, os três avançaram na direção indicada...



Sob orientação do tricorder, a tranquilidade do passeio durou até adentrarem o desértico areal, através do qual deveriam seguir.

De repente, uma enxurrada de raios vindos de diversas direções, dizimou tudo ao redor deles, obrigando-os a procurar abrigo entre escombros e irregularidades do terreno.

-Pô Zeca. Até agora fizemos tudo direitinho e esse equipamento só meteu a gente em trapalhadas.

-Então está funcionando bem, porque é isso que ele faz com perfeição.

-Karamba Zéca! – Lamuriou Azulão, praguejando bastante, entre uma e outra explosão. - Aonde que você arrumou esta porcaria?

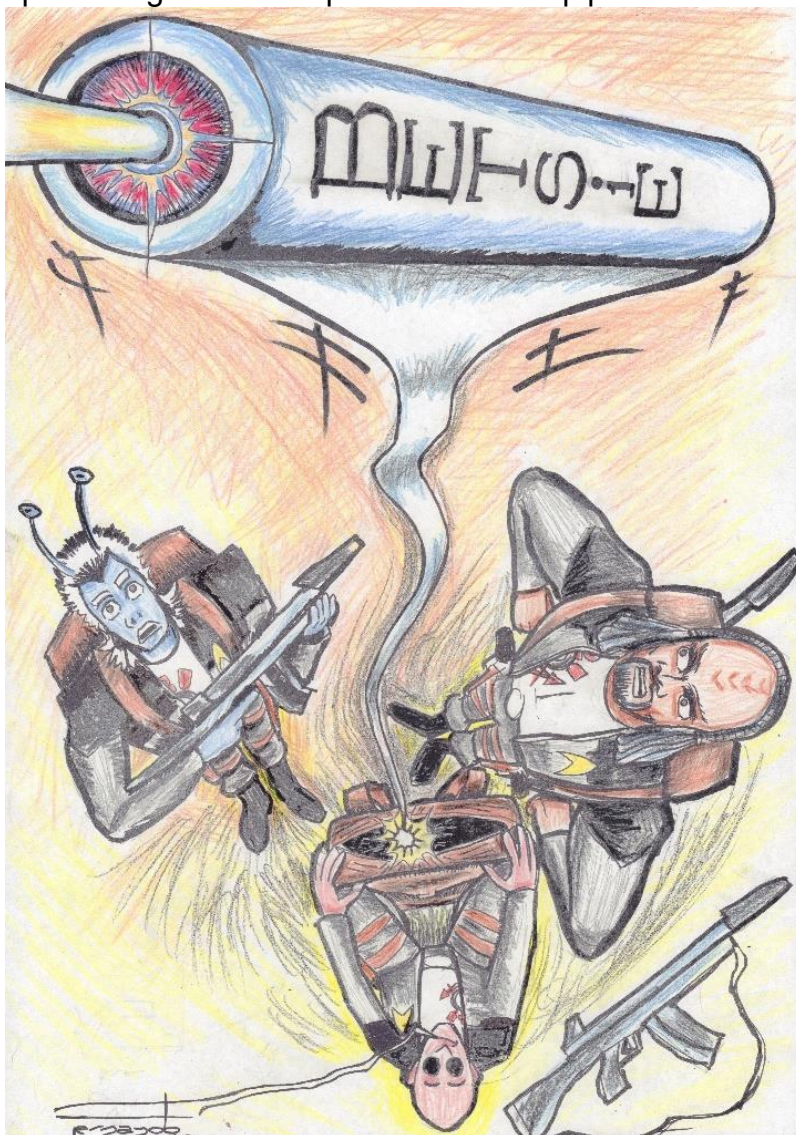
A resposta não veio logo, até porque, instintivamente os três prepararam suas armas, para responder à altura, a saudação de artilharia que recebiam sem qualquer aviso.

Além das pistolas que carregava, Zéca, tirou da mochila, um cilindro, com 40 centímetros de comprimento por 12 de espessura.

Apertou no corpo deste, um botão, que, acionado, fez com que pequenos leds de cor vermelha se iluminassem.

-A "Betsy" - (apelido dado para aquela específico modelo de arma, no meio militar ao qual o trio pertencia) - está ligada. - Disse Zéca.

O cilindro saltou em alta velocidade das mãos que até o momento a seguravam, enquanto que acendeu-se um "led" branco de 3 centímetros numa de suas extremidades que era apontada para o lugar de onde partiam os raios pipocantes ao redor dos três.



-Fogo! - Disse Zéca.

Em seguida, uma saraivada de raios brancos saiu da arma voadora.

O efeito devastador e mortífero de tais disparos, levou à condições infernais, o que já estava caótico.

Em menos de meio minuto, o ataque adversário silenciou.

Cessaram também os disparos da arma voadora e, em seguida, o ar foi tomado por cheiro de queimado...

Com um sinal do baixote careca, a arma voadora voltou flutuando, agora lentamente, para suas mãos.

-A Betsye continua mantendo a tradição. - Disse Zéca dando tapinhas no cilindro.

-Este modelo é recente. - Comentou Azulão olhando a arma.

-Sim! É uma novidade no mercado que não esquenta a bateria mesmo depois de dez horas atirando ininterruptamente. Pode pôr a mão e verificar..."

-Se você trouxe uma "Betsye" é porque já sabia que as coisas iriam esquentar, né Zéca? - Reclamou Karrow...

-Na verdade, eu não trouxe só uma, e sim três!

-Olha só! Tá vendo? - Lamuriou-se Karrow em voz mais baixa...

-Você sabe que eu sempre saio armado...

-Caramba, Zéca!... Mas três Betsyes?? Cada uma dessas sozinha é capaz de dizimar em segundos um exercito inteiro.

-Uma para cada um de nós, irmão... Calma.

-Ok... Ok... Essa desculpa é muito boa desculpa... Vou acreditar.

"E o que mais você escondeu e sabe sobre esse passeio, que até agora só nos deu dores de cabeça?"

-Como todas as outras roubadas que o Zéca mete a gente....

-Veja bem... Eu não escondi nada. É que tudo foi muito corrido...

"Mal tivemos tempo de conversar."

-Isso ninguém tá negando... -Ponderou Karrow. - De fato, tudo aconteceu muito rapido, mas, foi porquê você, depois de um tempão sumido, liga desesperado esperneando, pedindo ajuda urgente.

"E o pior, é que, EU, o idiota de plantão, e o desavizado do Azulão caímos, como os patinhos de sempre, em mais essa enrascada que você nos arruma..."

"Vergonha minha, porquê, eu já devia ter aprendido na primeira vez."

Azulão interrompeu a choradeira lacrimosa de Karrow perguntando:

-Zéca! Você sabe onde estamos?

-Não! Por-quê???

-@#%@\$&!!!! (impronunciáveis e impúblicáveis palavras klingons) – Karrow praguejou com sua pele escura já bem avermelhada, - "P*rr@ Zéca! Mais uma vez tu enfia a gente nas barafundas sem saber aonde viemos parar???"

"Como é que eu fui cair DE NOVO nesse tipo de conversa???"

"Como pude ser tão burro mais uma vez?!?!?"

-Karrow! Calma! Você tá ficando vermelho!

-Tu tem tomado seus remédios?" - Indagou Zéca, serio, parecendo ignorar qualquer eventual perigo proveniente do camarada klingon, já um tanto nervoso...

Karrow massageou as temporas com as pontas dos dedos de ambas as mãos.

Em seguida coçou as foças lacrimais, respirou fundo e indagou

-Azulão:Você sabe onde a gente tá???"

-Tou até com medo de falar, Karrow. Acho que tu vai ficar bravo e não quero te ver passando mal... Você tá ficando vermelho aí, cara... Meu medo é ficar verde..."

-Verde é f*da! - Concordou Fernando Zéca Corinthiano. - É como chegar ao fim do mundo sem nunca ter ganho mundial da FIFA.

-P*rra meu! - Reclamou o klingon, com ar sério. - Um andoriano com medo...

“Então a coisa deve ser grave... Fala logo aí...”

-“Tá preparado???”

-Fala logo, cac*te!

-Não é só o onde estamos, é também “quando”...

Dessa vez, a pausa silenciosa foi duradoura, até que o Azulão continuou...

-Pelo tricorder que eu trouxe, e funciona melhor que essa porcaria sinalizadora que você me deu, Zéca, nós voltamos no tempo, e, estamos no planeta ALORAX, que, QUASE acabou sendo atingido pela mesma Supernova que, em 2387 fulminou Romulus.

-Zéca, explica a história dessa porta. - Pediu Karrow com voz baixa... - Para onde que ela nos trouxe?

-Ok... Ok... Vou explicar: tudo começou com um sonho que eu tive...

Mal terminou esta frase, os olhares de Karrow e Azulão se cruzaram arregalados.

-Sonho...

-Sim eu sonhei com a Marge e...

-Você sonhou com a Marge?

-P*rr@, Zéca, já faz mais de cinquenta anos que você não vê a Marge...

-Foi amor de juventude... Depois dela, você casou e teve até um casal de filhos...

Karrow olhou para o cenário apocalíptico que os cercava lamúriando-se...

-Tu sempre enfia a gente nas roubadas, hem... E agora, essa... Por causa de um amor da juventude?

-A Marge tá em outra a essas horas, Zéca. Nem deve lembrar mais de você. Tá velha, se estiver viva.”

-P*rra Zéca! K@r@lh*! A mulherada não cai mais na tua conversa, e agora tu fica sonhando com o passado, enfiando em roubadas, nós pobres coitados, que somos os teus últimos camaradas a te aguentar.

-Não é bem assim, pessoal. - Tentou justificar-se Zéca. - Alguma coisa aconteceu. Ela está diferente... Tá em outra...

-Claro que tá em outra Zéca... Mulherão daquele... Você deixou escapar e não admite! Agora, depois de velho fica aí descascando a bronha com a piroca velha enquanto sonha com o passado.

-Deixa ele explicar, Azulão. Vamos escutar qual vai ser a lenga-lenga para nos enrolar tentando justificar mais outra fria em que nos metemos.

Azulão fez uma careta que chegava mesmo a parecer bem-humorada.

-Você manda Karrow...

-Eu tive um sonho com a Marge...

-Não essa parte... Adiante a história que o capítulo passado eu já sei...

-Muito bem! Ela apareceu num sonho me dizendo que a Beth estaria em serio perigo e que nós três deveríamos ajudá-la.

-Tá vendo Karrow? Ele deve tá fumando aquelas porcarias ilegais ainda...

“Depois vai dormir, tem sonho picante, acorda com a piroca suja e molhada, se achando o xamã careca sexual dos poderes mágicos.”

Karrow não estava para piadas e mantinha o olhar sério fixado no Zéca, que continuou falando...

-Porra Azulão! Dá um tempo! Eu aqui nem nos sonhos já não tou faturando mais nada!

-A velha raposa chorona agora vem se auto-coitadificar para escapar da justa reprimenda.

-Não é choradeira! Não tou com saudosismo do passado.

-Então explica logo o que tá acontecendo.

-Ok... Ok... Eu sonhei mesmo com a Marge, e nesse sonho eu entendi claramente ela falando algo sobre a Beth estar em perigo.

“Quando eu acordei, tinha ao lado de onde eu estava dormindo, esse tricorder, o

nosso equipamento e ainda os contatos para chamar vocês.”

“Não me perguntem como esse negócio apareceu lá.”

“Antes de vocês chegarem eu ainda procurei por vestígios que indicassem a ocorrência de um eventual teletransporte, que tivesse levado para lá tudo isso, mas, não achei nada.”

Karrow coçou a barba...

-Ninguém sabia esse meu número para contato, Zéca...

-Foi a Marge que me deu... Não olhe para mim. O seu contato que eu tenho é o nosso exclusivo de emergência e não este que foi usado.

-Ah! A Marge... - Continuou Karrow coçando a barba. - Sabe aquelas crianças que jogam a culpa nas outras sobre tudo que acontece de errado??

-Sei sim. - Respondeu Azulão. - Eu era essa vítima que sofria bullying.

-Até que entrou na Academia da Frota Estelar e começou a devolver em cima dos colegas toda a aporrinhção que sofreu na infância. - Retrucou o corinthiano careca - “Eu lembro dessa história porquê eu estava lá”.

-Quietos vocês dois! - Esbravejou Karrow. - Alguém aqui tem que pensar.

-Vamos deixar o nosso filósofo klingon resolver a situação. - Desdenhou Zéca.

-O único klingon que tinha para essa ocasião era o nosso pacifista democrata de plantão... - Aproveitou Azulão para ter alguma participação na zombaria. - Com certeza, no meio desse cenário de guerra, ele vai resolver os problemas.

-Podia ser pior se o Karrow fosse desarmamentista.

-Desarmamentista nunca! - Bradou Karrow, que continuou: - Você disse que voltamos no tempo, Azulão...

-Sim.

-E que estamos num planeta próximo ao planeta Romulus, que, no futuro deste tempo em que nos encontramos... SERÁ DESTRUÍDO.

-Exato...

-Quanto tempo temos aqui?

-O cataclismo a que me referi ainda vai demorar bastante para ocorrer, mas, o que me preocupa é esse ambiente imprevisível. Nossas chances aqui não são grandes...”

Karrow olhou para Zéca...

-O mais velho, irresponsável e gagá aqui é você. - Disse o klingon com ar sério. - Seria um desrespeito ao seu posto não consultar a sua inestimável experiência.

“O que você, que nos meteu nessa enrascada, recomenda?”

Zéca coçou as bochechas da sua envernizada cara de pau, e sugeriu:

-Continuamos na direção indicada pelo aparelho...

-Sim... - Concordou Karrow. - Como se nos tivessem sobrado muitas opções...

-Confia em mim. - Tranquilizou Zéca. - Deixa comigo e, escuta o que eu digo que sei que tou fazendo...

-E novamente somos obrigados a ouvir o velho refrão... - Lamuriou-se Azulão com cara de sofrimento... - Tem certeza?

-Não tenho certeza de nada, amigos.

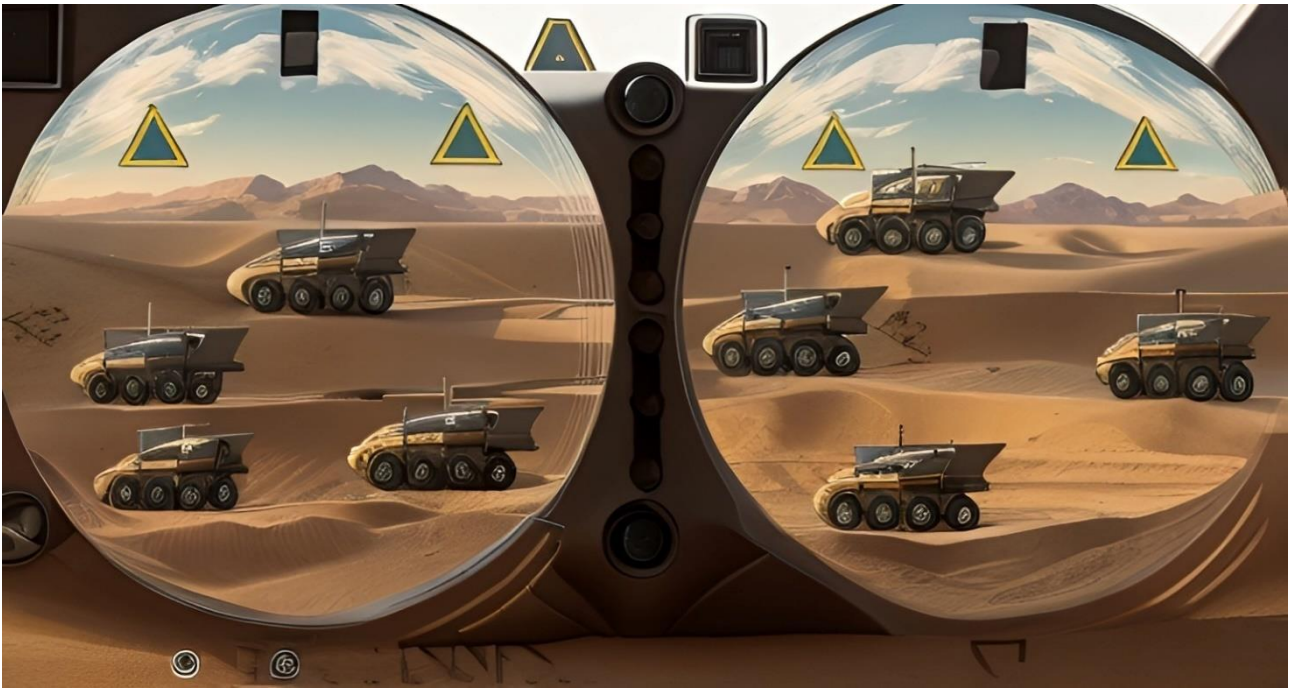
“Posso estar certo, bem como errado, mas, temos que seguir o caminho que restou.”

E naquele instante, Azulão percebeu algo diferente: Suas antenas andorianas se agitaram, ao detectarem no ar, vibrações distantes provenientes de motores funcionando.

Logo o som ficou evidente, até mesmo para os ouvidos humanos.

Não tardou para que todos alí, direcionassem seus olhares para a direção de onde vinha o ronco, enxergando diversos veículos com formato de ponta de flecha, correndo pelas areias enquanto produziam imensa nuvem de poeira, após terem saído de uma caverna nas imediações.

-Certamente esta turma motirizada também deve ter servido de alvo dos atiradores que tentaram nos destruir...”

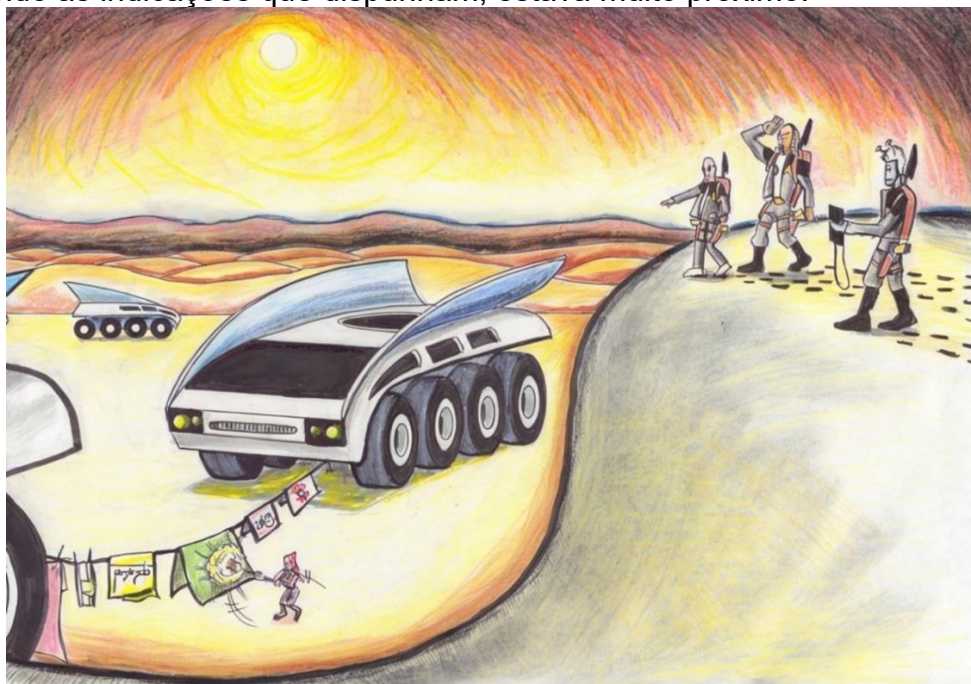


“Agora estão se mandando deste lugar infernal...”
-Livramos a cara da turma aí, mas, estamos a pé... - Reclamou Zéca.
-Vamos em frente. - Disse Karrow. - Não temos tempo a perder.
E assim... Seguiram!

Caminharam por horas, sem pressa, alternando as posições, cada qual, em algum momento, na retaguarda, na liderança, ou no centro do trio.

Consultavam seus equipamentos, em especial, o tricorder do Zéca nas mãos do Azulão, e quando não trocavam sinais ou zombarias entre si, eventualmente se calavam avançando silenciosamente.

Continuaram assim até o meio da madrugada, graças aos óculos de visão noturna, aos suplementos energéticos, que não os deixavam se cansar, e também porquê, o objetivo final, segundo as indicações que dispunham, estava muito próximo.



Seguiram assim, até finalmente, chegarem: próximos a um acampamento, formado pelos mesmos veículos que, poucas horas antes, avistaram escapando da zona de bombardeios, e que, agora, estavam tranquilamente estacionados, formaram uma grande circunferencia.

O trio aproximou-se cautelosamente da formação.

Azulão consultou o tricorder convencional e deu sua análise da situação:

-O perímetro não está protegido por qualquer campo defensivo.

“Não tem seguranças de guarda... Nada...”

-Essa turma parece displicente, ou, muito preocupada com alguma coisa que não estamos percebendo... - Observou Zéca.

Feitas estas observações, os três prosseguiram e proximaram-se do limiar do acampamento onde depararam-se com uma senhora batendo vassoura num tapete pendurado em corda amarrada entre dois caminhões.

Ela avistou os estranhos, mas continuou o que fazia, assim, os três fizeram-lhe um breve aceno avançando como se fossem conhecidos.

Mais adiante, adentraram uma passagem entre dois dos veículos estacionados, e surpreenderam-se com uma vibrante reunião de pessoas tranquilas e alegres ao redor de uma grande fogueira... Todas bebendo ou comendo...

Ninguém parecia ter qualquer preocupação com a posição desprotegida em que se encontravam, bem no meio de um ambiente desértico e ameaçador.

-A turma bebeu muita Trania. - Disse Karrow. - Olha só.

Abaixou-se e pegou uma garrafa esvaziada que estava no chão.

Zéca aproximou-se, e observou enquanto Karrow continuou:

-Não é uma Trania qualquer.



“Essa aqui é para deixar até um leão sonado...”

“Pessoal agora deve tá alucinando com esse negócio...”

-A turma saiu de uma zona de guerra e parou aqui para encher a cara?

“Muito estranho...”

-Tá me cheirando casamento ou algum tipo de festa... - Suspeitou Azulão.

-Casamento, Azulão?!? Você só pensa em festa!

-Não! - Tentou se justificar Azulão. - Parece que tem mesmo algo assim no ar...

O andoriano estava incomodado: o clima era festivo, mas, ele sentia ameaças pairando no ar....

Suas antenas moviam-se nervosamente procurando alguma coisa.

Zéca aproximou-se dele e indagou:

-Quando foi a última vez que você limpou essas antenas, Azulão?

“O que está acontecendo?”

Azulão olhou para Zéca, em seguida colocou os polegares e dedos indicadores, nas bases das suas antenas, apertou-as e esticou-as para o alto.

Dos orifícios nas extremidades destas, espirraram secreções de cor amarelo-clara.

Azulão fez até uma expressão facial de prazer, depois da limpeza...

-Então? - Indagou Fernando Zéca.

O andoriano arrebitou o nariz para o alto...

Pela sua cara, algo não estava do seu agrado.

-Isso aqui está cheirando mal...

-Diga algo que não sabemos. - Reclamou Karrow. - Esse pessoal aqui parece não ter qualquer apreço pela própria segurança.

-O que está percebendo aí, Azulão? - Apertou Zéca...

-O mau cheiro... Tá cada vez maior...

-Não tou sentindo nada. - Disse Zéca.

-O fumo que você queima acabou com o teu olfato. - Disse Karrow. - Mas eu também não tou sentindo cheiro de nada.

-É mau cheiro suliban! - Disse Azulão. - Tem um monte deles aqui por perto...

Fernando Zéca Corinthiano não perdeu tempo.

Rapidamente, tirou da mochila as 3 armas Betsy que carregava, que, acionadas logo se ergueram a uns quinze metros de altura do solo, cada qual, apontando sua artilharia para direções diferentes, com luzes verdes em suas extremidades, indicando prontidão em produzir uma tempestade de raios destruidores, capaz de afastar, variadas ameaças.

Em seguida o carequinha sacou e destravou as próprias pistolas com Karrow e Azulão também se pondo de armas em punho.

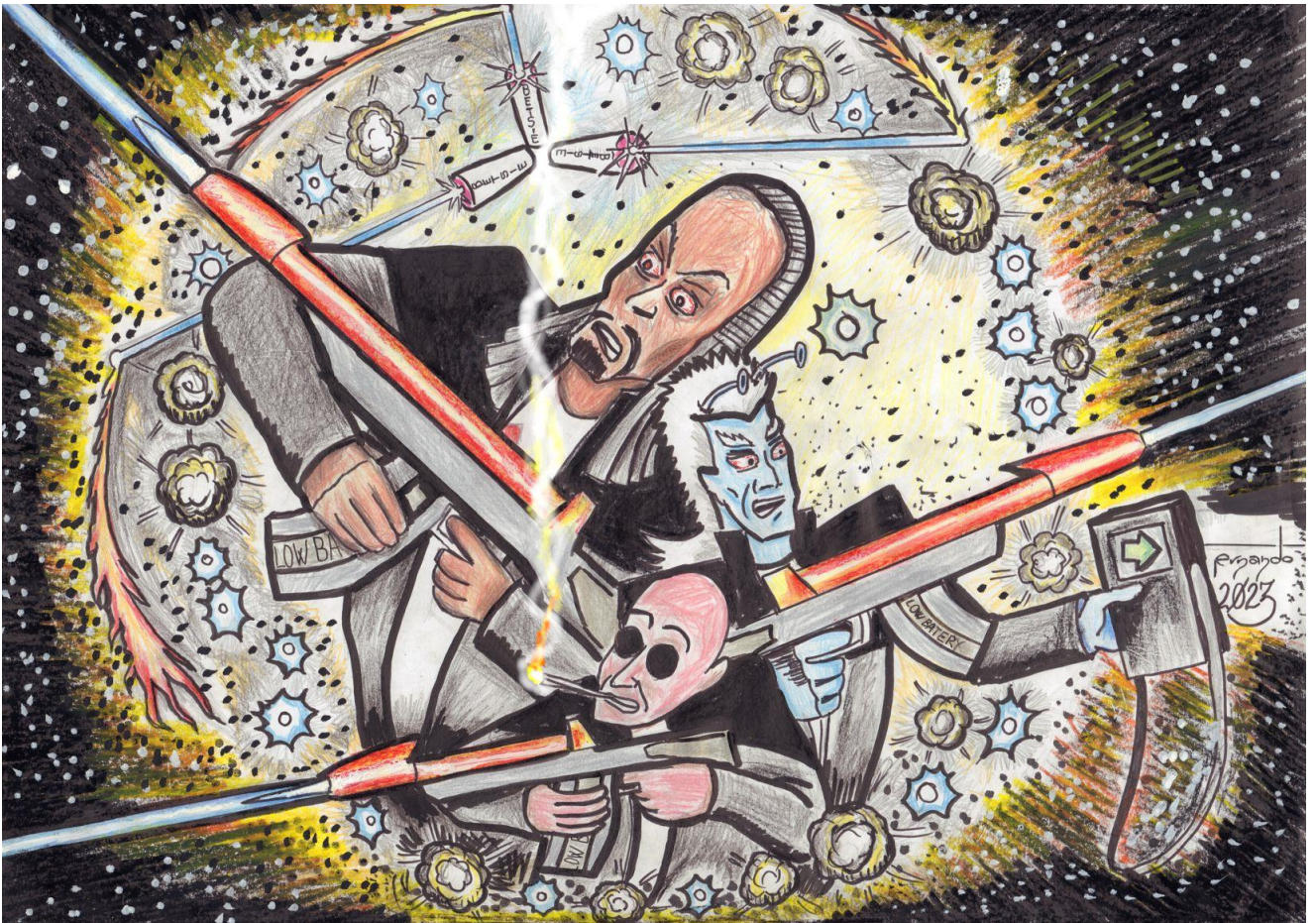
Ainda que os movimentos fossem matemática e sincronizadamente calculados, Azulão parecia meio desconcentrado...Na verdade suas percepções andorianas anteviam ameaças, de modo diferente que as humanas ou klingons.

-O perigo é iminente, cavalheiros. - Disse Azulão enquanto coçava as temporas.

Mal terminou de proferir estas palavras e, por cima dos caminhos apareceram drones fazendo disparos à torta e à direita, contra as pessoas que alí estavam.

Um verdadeiro atentado terrorista, pois, os tiros eram dados a esmo, contra gente embriagada, que mal tinha condições de correr.

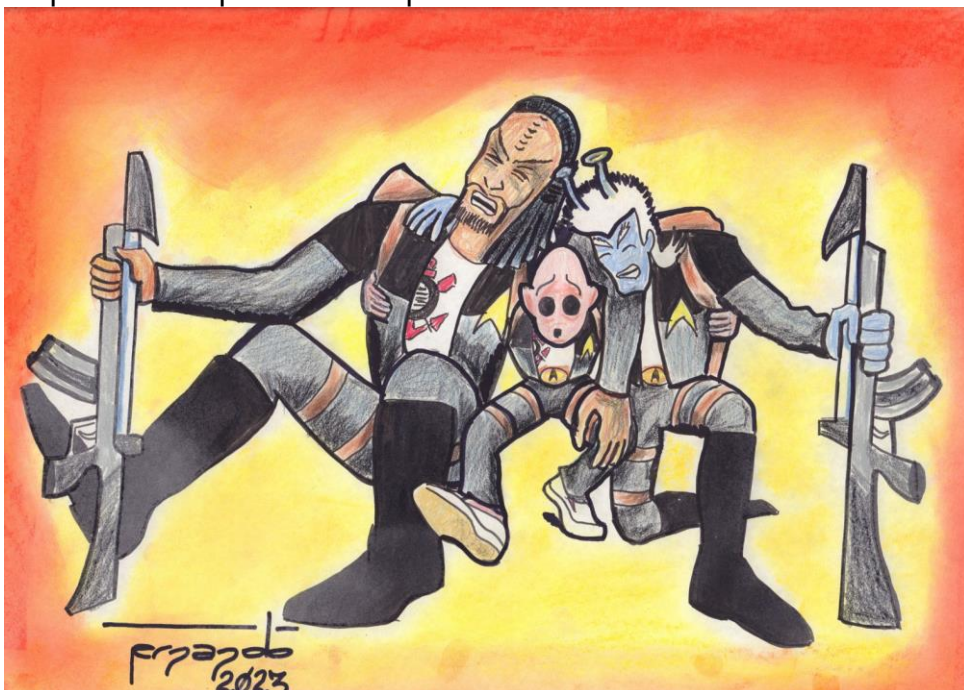
O ímpeto desta ação agressiva não durou muito, pois, foi logo repelida pela defesa dos três veteranos, que até disputavam entre si quem era mais mortífero...



Diante da destemida reação, logo cessou também este ataque.

A vitória veio com muito esforço, assim como acontece com toda conquista cujos princípios devam ser defendidos, obrigando neste caso, que durante o acirrado combate, o trio se abrigasse do fogo inimigo, jogando-se no chão.

Porém, para levantarem-se, até por conta da idade, tiveram que ajudar-se mutuamente, juntando esforços novamente, primeiramente com um deles pondo-se de joelhos, para em seguida ajudar os outros a se levantarem, e por fim, todos juntos mutuamente apoiaram-se para ficar de pé.



Ao fim, todos dividiram cumprimentos efusivos.

-Como nos velhos tempos, senhores. - Resfolegava Zéca esbaforido...

E batiam punho fechado contra punho fechado.

-Como nos velhos tempos! - Exclamou Karrow.

Azulão também deu seus murros, mas olhava o entorno com expressão de dúvidas, um sorriso que não era tão efusivo quanto o dos camaradas e com as antenas se mechendo sem parar...

A turma do acampamento, devidamente embriagada com aquela Trania de alta qualidade, por sua vez, se divertia com tanta movimentação como se estivessem num cinema-5D de alta interatividade.

Para eles, tudo era um festival barulhento de pipocantes raios explodindo.

A bebida deixou-os completamente desatentos aos perigos da situação.

Azulão logo fez outra careta, indicando a chegada de novos problemas.

-Pressinto mais perigo... O pior está por vir!"

Dito isso, virou-se com um movimento em que, levantou sua arma, apontando-a numa direção aparentemente sem nada para servir como alvo, e disparou.

Em milésimos de segundos, um raio azulado saiu do cano da arma, tendo logo, seu percurso interrompido por algum tipo de ameaça, antes invisível aos olhos humanos, que, ao ser atingida pelo raio, tornou-se perceptível na forma de uma sombra.

A silueta revelada, mostrou uma figura humanóide que, logo tentou esquivar dos ataques subsequentes...

Porém, em menos de dois segundos não tardou para que outros disparos de Zéca e Karrow também acertassem o agressor, que tombou morto.

Era um suliban.

-Este é só o primeiro. - Disse Azulão. - Outros virão.

-Que alegria! - Resmungou Zéca em voz baixa.

Após um exame rápido no cadáver humanóide suliban, Karrow, logo tirou suas conclusões.

-A roupa vermelha e a pele verde indicam ser do Cabal. - Explicou.

-Não nos bastasse enfrentar esta raça perigosa, ainda tem que ser, justamente a turma dos terroristas do Cabal? - Reclamou Zéca. - Estes caras são da pesada!

"O que mais nos falta para melhorar o dia?????"

-Calma Zéca! Não vá enfartar com a tensão! - Riu Azulão. - Você passa o dia inteiro fumando, e na hora que aparecem os problemas fica nervoso e passa mal.

-A enfermeira disse que ele sofreu um AVC quando ela foi sem sutiã. - Informou Karrow com cara séria.

-Ah! Agora temos um klingon piadista! - Reclamou Zeca.

-Você foi internado de novo na casa de repouso dos jovens de outrora? - Perguntou Azulão, não sabendo se ria com o AVC do Zéca, ou se chorava pelos pressentimentos nada otimistas que tinha...

-Na verdade eu fui lá para me inspirar, antes de escrever meu próximo livro...

-Essa lorota não cola mais, Zéca. - Cortou Azulão. - Eu soube que a tua filha te internou porque tava cansada de você reclamando e praguejando dentro de casa.

-Esse velho matuto não ajuda em p*rra nenhuma e atrapalha quem faz algo de útil.

-PÔ Zeca... A coisa tá mal assim??? Por isso você nos arrastou para essa roubada????

-Vou repetir, seus gozadores: A Marge disse que estamos numa missão importante...

-A MARGE?!?! - Trovejou Karrow - De novo essa conversa?? Vamos voltar ao que interessa...

Mal terminou o klingon de proferir suas reclamações, e, diversos disparos de raio, explodiram perto do grupo de veteranos, que, como bolas de borracha, saltaram cada qual para um lado diferente.

-Eles chegaram! - Gritou Azulão.

Mal tiveram tempo de se esconder, e a luminosa chuvarada mortífera só aumentou. Abrigados, sacaram dos bolsos, óculos de visão ampliada que lhes permitiram enxergar seus atacantes.

-São eles. - Disse Azulão através do intercomunicador.

Ocultos pela escuridão e sua camuflagem, um exercito de sulibans, avançava agressivamente.

Fernando Zéca mal teve tempo de dizer:

-FOGO.

As três Betsies, já no alto, começaram o contra ataque cuspidando raios brancos que causavam o máximo de destruição entre as ordas assassinas que avançavam como uma monstruosa infantaria.

Por outro lado, no entorno da formação circular de de veículos, a temperatura subiu e a noite virou dia com disparos vindo de todas as direções.

Por incrível que pudesse parecer, só mesmo os três veteranos pareciam preocupados com o ataque, já que, os membros da caravana, continuavam assistindo o embate, como se nada do que acontecia, fosse com eles, e o mais extraordinário de tudo, é que nenhum disparo parecia lhes causar qualquer dano.

Havia até a velhinha sentada na cadeira de balanço, fumando cachimbo, que apontava para o cenário de batalha, dando palpites como se fosse um general em campo durante o jogo de futebol.

Do alto, os sucessivos disparos dos cilindros, matavam sulibans como moscas.

Tantos eram os mortos inimigos por conta do trabalho das armas mortíferas, que, seus corpos formavam um primeiro muro de defesa, ainda que imperfeito, para a caravana ali estacionada.

Meia hora de combate acirrado depois, esse equipamento surpreendentemente, superaqueceu e desligou.

Os três veteranos, de suas posições, mesmo diante deste novo infortúnio, não se resignaram e, mesmo assim deram continuidade à renhida resistencia.



Dos canos de suas armas, muitos raios mortíferos atingiram o agressor causando-lhes prejuízos irreparáveis, entretanto, em dado momento, as baterias foram se esgotando.

Primeiro a de Karrow que era mais impetuoso no gatilho.

Mesmo assim, o klingon não diminuiu a sua bravura sacando uma BATLETH que sempre carregava presa à sua mochila e seguiu lutando selvagememente.

Em seguida foi a vez de Azulão, que, também teve problemas com as baterias, mas, sem se resignar, como bom combatente que era, sacou um velho facão que sempre carregava como parte do armamento pessoal e continuou lutando com maior agressividade.

Por fim, foi a vez das baterias das pistolas de Fernando Zéca se esgotarem.

O velho careca barrigudo e baixote, nunca fora um bom lutador no corpo a corpo, ou mesmo, com armas brancas como seus companheiros de batalha.

Tinha consigo um machado que, até sabia manusear como ferramenta, ou, eventualmente, fazer algumas estripulias acrobáticas.

Entretanto, se tinha sangue frio para ser um mortífero atirador de primeira linha, sentia-se incapaz de ter a agressividade, eficiência e técnica necessárias para agredir com as mãos nuas, ou mesmo, munido de arma branca, até mesmo uma formiga.

Tamanhas destrezas, até mesmo pela compleição física de Fernando Zéca Corinthiano não faziam parte do seu hall de aptidões nem da sua natureza, que preferia combater com ampla vantagem de armamento altamente tecnológico ao invés de suar sangue em combates violentos.

Mas, nem tudo na vida é do jeito que se deseja, e assim, ele também teve que sacar a lâmina que vinha num pequeno canivete altamente tecnológico de 2000 funções que usualmente carregava consigo.

Ferramenta versátil que naquela situação era inútil, até por ter suas velhas baterias esgotadas, lâminas pequenas e, por conta da idade, estar emperrando até para ser manuseada numa necessidade tão premente..

Enquanto Fernando Zéca pelejava com a porcaria de ferramenta, dois grotescos e ameaçadores guerreiros sulibans avançaram na sua direção empunhando bastões de madeira.

Vinham um por cada lado e eram tipos feiosos.

Pele esverdeada, com muitos pontos brilhantes brancos.

Sem energia nas armas de fogo, Zéca atirou sua pistola descarregada, acertando com ela, a testa de um dos atacantes, enquanto o outro continuou avançando rapidamente em sua direção, pronto para lhe desferir algum golpe fatal.

Fernando Zéca foi obrigado a esquivar-se tentando escapar com seu inútil canivete em riste, que, logo na primeira investida defensiva, terminou por quebrar-se na pelo do inimigo.

A tosca arminha ao menos, deu ao nosso protagonista, mais algum tempo de vida...

Desesperado com a morte certa e próxima, o baixote careca ainda esquivou-se de outro perigosíssimo golpe do atacante, partindo desesperado numa corrida, sem se importar com mais nada tentando escapar.

E então espantou-se com um gigante, de pele clara e rosada, que passou veloz ao seu lado gritando selvagememente.

O bérro vinha de um humanóide imenso, cabeludo, muito forte, brandindo gigantesca espada, enquanto dizimava o restante do ataque sulibam, salvando Fernando Zéca.

Vendo o impeto daquele sujeito, até Karrow, que já estava esgotado, se animou, e saiu distribuindo ainda mais bordoadas, com redobrado ímpeto.

O empolgamento foi aumentando cada vez mais, e Azulão lembrou que ainda tinha

cilindros com hypospray, que, uma vez injetados, através da pele, aumentavam a força e resistência de quem recebesse suas doses.

Sem perda de tempo sacou de sua mochila, três tubos ali disponíveis, com o tal medicamento e um deles usou para aplicar a primeira dose, em seu braço.

Após chiado curto e baixo, sentiu correndo pelas veias, a poderosa energia que lhe fortaleceu instantaneamente.

Arremessou então, um dos cilindros remanescentes na direção de Karrow que, o agarrou em pleno voo, imediatamente, injetando-se a dose daquela medicação fortificante.

Azulão aplicou o último hypospray em Fernando Zéca, já esgotado com tanta briga.

A palidez na pele e o ar distante do velho careca, indicavam, que este já quase não conseguia nem raciocinar direito, mas, após a aplicação dada, o efeito mostrou-se revigorante, mesmo que um tanto quanto lento para a emergência.

De qualquer forma, a cabeça de Fernando Zéca aos poucos, voltava a funcionar, e, com isso, recordou ainda ter um charuto guardado nos bolsos.

Sem perda de tempo, o baixote careca sacou o fumo e logo o acendeu.

Dadas as primeiras tragadas, uma mudança ocorreu nos ânimos com suas energias sendo imediatamente restabelecidas. Após mais outras baforadas, o veterano gradualmente retornou ao costumeiro modo de trabalho naquelas situações, sendo que, até mesmo, o seu tamanho pareceu aumentar e, sua postura corporal melhorou.

Contudo, a fumaceira que o seu charuto gerou, logo atraiu, o fogo inimigo, que, com uma saraivada de disparos, destruiu tudo ao redor do fumante, sem no entanto, para inacreditável sorte deste, acertá-lo.

-Com mil milhões de raios e trovões. - Praguejou Fernando Zéca. - Esses caras estão atirando em nós...

-P*rr@ Zéca! Mas o que é que você queria? Que nos atirassem flores? - Indagou Azulão irritado. - Abrigue-se!

Atendendo à recomendação, Fernando Zéca correu para trás de um rochedo próximo de onde recolheu pedras do chão para atirar nas cabeças dos adversários.

Deste modo, com muita animação, e, mortífera resposta defensiva, os combatentes veteranos tiveram condições, e ímpeto, de persistir lutando com dignidade até alcançarem mais uma vitória, em outra batalha, que os especialistas poderiam dar como perdida.

Os prejuízos e mortes dos agressores sulibans, trouxeram lucros para as aves de rapina que desciam dos céus, ávidas para banquetear-se naqueles cadáveres tendo urubus, corvos e abutres locais disputando as carnes fétidas dos derrotados.

Com sangue e violência, então veio o tranquilo silêncio.

Finda a luta, os guerreiros que conseguiram aplacar o temível ataque, sem qualquer machucado ou arranhão, reuniram-se trocando efusivos cumprimentos.



Karrov aproximou-se do homem que se juntou à resistência heróica, e ofereceu-lhe a mão.

-Sou Karrov. Almirante da Federação dos Planetas Unidos. Obrigado pela ajuda.

A saudação foi retribuída com um aperto de mão, e, o novo aliado identificou-se:

-Sou Conan, líder desta caravana.

-Vimos vocês a algumas horas, saindo de uma espécie de caverna. - Disse o klingon.

- Ou pelo menos, achamos que eram vocês. Com a poeira e a velocidade do deslocamento dos veículos, não foi possível ter certeza...”

-Sim. Eramos nós.

“Saímos da caverna, mas, logo tivemos que parar, pois a minha esposa não estava em condições de continuar a viagem.”

-Sem condições como? Ela precisa de médico?

-Bom... Ela...

-Se for este o caso, então, acho que posso ser útil. - Interrompeu Azulão.

“Servi bastante tempo, como médico, nas antigas naves comandadas por esse careca.” - Esclareceu o andoriano apontando para o Zéca.

-Ele de fato era o meu primeiro oficial. - Confirmou Fernando. - Até resolvia os problemas quando não estava reclamando.

-Ora, Zéca! Era você quem sempre enchia o saco, e nos enfiava nas frias. Assim como continua fazendo hoje em dia”

-Só cumpria ordens, como qualquer pau mandado aposentadoreiro a serviço do Estado.

-Cumpria ordens? - Indagou Karrov. - Sempre fazia qualquer serviço de algum jeito particularmente duvidoso, coisa que de fato, não mudou nada até hoje.

“Você sempre esteve bem longe de ser um mero pau mandado cumpridor de ordens.”

-Um médico viria bem a calhar... - Interrompeu Conan.

Em seguida houve um breve silêncio, que foi quebrado pelo aflito marido.

-Se tiver alguém que possa fazer um exame na minha esposa, eu agradeceria...”

-Claro! - Prontificou-se Azulão. - Casualmente, também trouxe comigo meu equipamento médico, na mochila.

Conan então, apontou para um dos veículos que formava o círculo, e seguiram todos naquela direção...

Silenciosamente avançaram.

Passaram por viajantes da caravana, visivelmente embriagados com a Trania mencionada por Karrov.

Mesmo com o cheiro no ar dos combates a pouco ocorridos, à exceção do quarteto, ninguém alí parecia ter maiores preocupações, além de beber o máximo possível, para manter em alta, o bom humor, vivendo de perto, emoções fortes, como quem vai a um cinema, com a cabeça doída devido ao efeito de drogas, lícitas ou não...

Felizmente, sorte ou destino, todos alí safaram-se ilesos, depois da bem sucedida defesa, frente ao inesperado ataque suliban.

Ainda assim, diante de quadro tão surreal, Fernando Zéca teve uma de suas inspiradas tiradas:

-Me lembrei da estorinha da cigarra e da formiga, em que, enquanto a primeira cantava, a segunda só ouvia.

-Essa deve ser a nova versão editada. - Apressou-se em corrigir Azulão.

Zéca percebeu que errara em alguma coisa e, tentou voltar atrás para retificar-se, mas não teve tempo...

-De fato, Zéca, a formiga escuta, só que, trabalhando"... - Reparou Azulão
-No final, meu amigo. - Tentou reparar-se Zéca, ainda saindo por cima na conversa.
- A moral da história é que, os dois trabalhos são importantes para a coletividade.
"Se a cigarra não canta, a formiga não trabalha feliz."
-Essa versão é diferente da que me ensinaram em Andoria. - Corrigiu novamente Azulão.

-Ah é? - Indagou o careca baixote irritado...
-A moral da história, por lá é a de que, a cigarra além de cantar mal, não fez reserva para o inverno, quando a estação muda, esta morre de fome pela falta de precaução.

Azulão fez uma pausa silenciosa e concluiu:

-A formiga também morreu, só que de dor no ouvido.

-Não sabia que as formigas tem ouvido... - Retrucou Zéca.

-As andorianas têm.

Felizmente, logo chegaram à caçamba do veículo onde estava a esposa de Conan, assim, Fernando Zéca não presenteou seus companheiros com mais nenhuma de suas reflexões altamente filosóficas.

O quarteto entrou no espaço que, estava sendo improvisado como quarto da esposa de Conan, que se encontrava deitada em sua cama, com duas acompanhantes ao lado.

A mulher dele era lindíssima.

Cabelos ruivos, olhos verdes e muito sensual, mesmo em cor pálida, deitada, , e, prestes a entrar em serviço de parto.



-Como você se chama? - Indagou o Andoriano.

-Meu nome é Sonja.

Azulão avaliou o estado da paciente e, uma vez entendida a situação, passou a trabalhar com extrema rapidez. Sua experiência em emergências médicas ensinou-lhe o

que fazer nos casos do gênero, assim, em poucos momentos, limpou e organizou uma área de trabalho da melhor maneira possível.

Sacou então, do kit médico que carregava:

Um cilindro metálico com aproximadamente 12 centímetros de diâmetro, por igual tamanho na altura, e, posicionou-o ao lado de onde a lindíssima Sonja estava deitada.

Desrosqueou deste aparato a tampa, e acionou uma chave neste.

Logo, daí, projetou-se a imagem tridimensional de um médico humanóide, com uniforme branco da frota:



-Olá! Por favor: informe o motivo da sua necessidade médica.

-Paciente está entrando em trabalho de parto. - Disse Azulão.

O médico holográfico projetado no ar pelo cilindro, tinha apenas partes do seu corpo, flutuando sobre a esposa de Conan, utilizando os instrumentos dispostos na mesa.

Assim, sem perda de tempo este começou o serviço de parto de modo inusitado.

-Mãos.

A medida que o médico artificialmente criado, dava comandos, novas ferramentas apareciam, ou ações podiam seguir adiante automaticamente, sem sua intervenção direta.

No caso, quando ele disse a palavra "maos", logo apareceu mais um par de mãos auxiliando o trabalho.

Azulão apenas assistia tudo, verificando os dados da paciente e da criança que estava para nascer.

O tempo voou e, logo, sem maiores contratempos, chegava àquele mundo, uma menina de portentosos cabelos ruivos, cheia de saúde, que já saía de dentro da mãe, com seu choro esbravejante a plena potência.

O cordão umbilical, e a recém-nascida passaram por rápida limpeza com o médico em seguida, mostrando a criança para Sonja.

-Parabéns! Qual vai ser o nome dela?

Sonja abriu um lindíssimo sorriso, iluminado pelos seus olhos brilhantes, dizendo:
-Minha filha vai se chamar Elizabeth Bondmader.

O médico entregou a criança para o aturdido Azulão e, antes de desaparecer, o instruiu:

-Ela agora deve descansar. Você sabe o procedimento.

Se a criança já estava chorando com força, assim que foi entregue ao aturdido andoriano, passou a esbravejar ainda mais intensamente.

A essas alturas o médico holográfico já havia se auto-desligado.

Azulão tentou reacioná-lo, no próprio aparelho cilíndrico, mas, não obteve resposta alguma.

Foi quando teve uma de suas grandes ideias: entregou a recém-nascida Elizabeth, Bondmader para Karrow.

O destemido Almirante klingon não sabia o que fazer, diante da inédita incubência.

-Vai que é tua, amigão. - Disse o andoriano.

Curiosamente, logo ao primeiro contato com o valoroso guerreiro klingon, a pequenina imediatamente tranquilizou-se, parando de resmungar.

Foi o que bastou para acionar nele, o modo paterno que, logo o fez encontrar uma chupeta para tranquilizar a nenê.

-Calma chefe! Calma! Não é o caso da senhora ficar nervosa!

Assim que ouviu aquelas palavras, a pequena Elizabeth parou com as suas manifestações de inconformidade, acalmando-se.

Tal fato, não passou despercebido por Fernando Zéca, que, gargalhou.

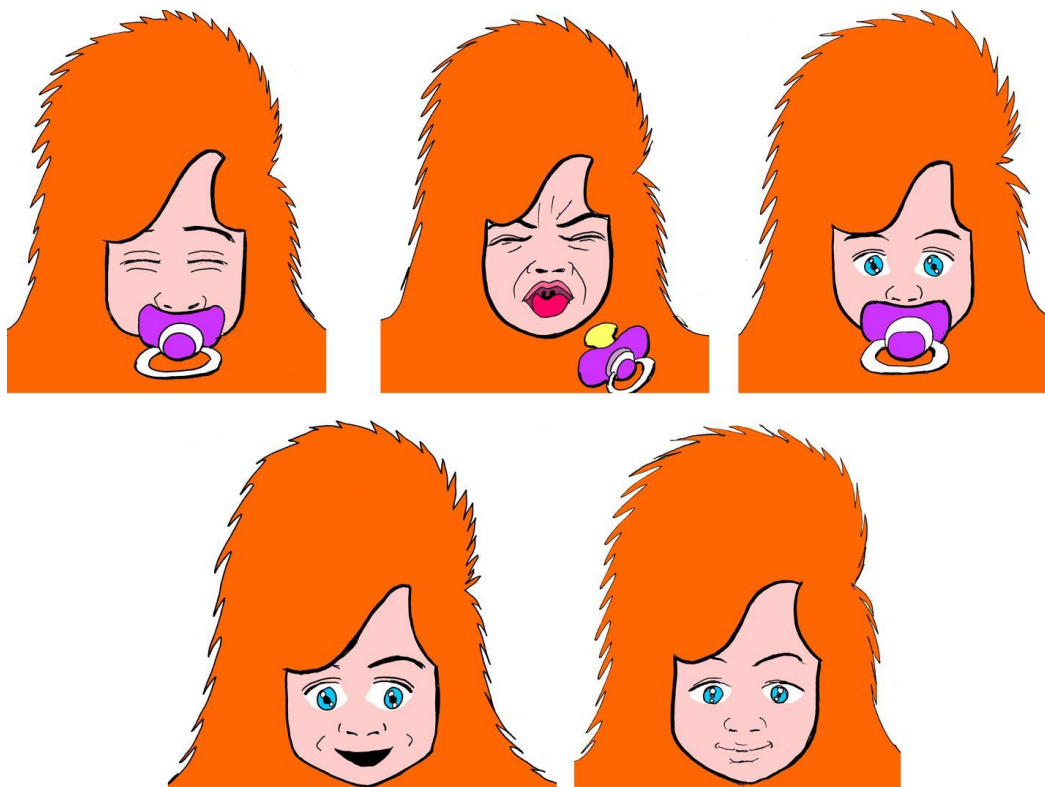
-Bendito klingon! É sempre ele quem tranquiliza a chefe!

Azulão olhou para os camaradas indagando:

-E ela mesma?

Os três olharam-se e responderam num coro unísono:

-Sim! Essa aí é a nossa futura chefe Bete.



Azulão passou o dedo na ponta do nariz da chefinha, que logo fez uma careta...

-Claro que é ela.

“Olha como ela faz quando você chega perto dela... - Disse Zéca. - Ela já sabe que tu vai chegar com alguma encrenca.”

-Mas eu não fiz nada. - Lamuriou-se o andoriano.- E é você mais do que ninguém quem arruma dor de cabeça para ela resolver.

-Quietos vocês dois. A chefe quer dormir. – Alertou Karrol...

-Calma Karrow, não precisa ficar bravo, amigão. – Disse Zéca.

-O Karrow não quer a chefe irritada...

-Nem eu! Tenho que garantir uns pontos com ela agora, para me livrar das broncas no futuro.

Karrow tentava ninar a pequena Elizabeth:

-Não vai adiantar nada Zéca. – Protestou o klingon. – Tu não vai ganhar ponto nem comigo, nem com ela.

“Mesmo segurando a chefinha agora. Não esqueci do tanto de confusão que toda hora a gente se enfia por tua conta.”

“Posso não ser muito esperto por ser enrolado em todas as trapalhadas que você mete a gente, mas essa doidera não vou esquecer tão cedo...”

-Esperto eu não sou... - Retrucou Karrow. - Essa história está muito doida...

Azulão coçou o queixo, enquanto admirava a pequena cabeluda Elizabeth...

-Maior doideira ainda é o Zéca dizer que sonhou com a Marge e ...?

-Qual é, Azulão???? Pô, meu irmão! – Interrompeu Zéca protestando. - Já falei que é verdade....

-Silencio vocês dois. A chefe vai dormir.

E não deu outra! A pequena Elizabeth fechou os olhos, dormindo e o klingon entregou-a para o pai que ouvia toda aquela conversa, sem entender patavinas...

Na verdade, alí mesmo, ninguém estava tendo entendimento completo de nada!

Mesmo Zéca, que chamou seus amigos para aquela jornada, poucas explicações e provas a respeito de seus motivos, tinha para dar, a não ser, o estranho tricorder, e a história implausível de uma antiga ex-namorada, que, reapareceu do nada, incumbindo-o com tão insólita missão.

Mas isso não era problema para os três amigos, que mesmo queixando-se incessantemente, nunca deixariam de se ajudar, qualquer que fosse a circunstância.

Se algum deles precisava, os outros sempre vinham em socorro, mesmo tendo que enfrentar uma viagem pelo tempo para assistir o nascimento da futura chefe.

De fato, o evento era por si só, suficientemente épico para deixar qualquer um abestalhado.

Fernando lembrou-se da caixa reserva de charutos que tinha na mochila.

Aquela situação era ideal para celebrar com fumo, daí, Zéca distribuiria alguns cigarros entre o presentes e iria ele próprio, colocar os pensamentos em ordem, fora do veículo adaptado como maternidade, cujo tamanho e as acomodações eram similares as de uma casa de dois andares.

Sentou-se de frente para uma fogueira que já estava ardendo, riscou um fósforo, acendeu e ficou saboreando seu charuto.

Encontrou ao seu lado, uma garrafa fechada e lacrada daquela famosa Tranya mencionada por Karrow.

Sem fazer-se de rogado, aproveitou a ocasião, abriu-a e bebeu alguns goles dela.

De início, não sentiu nada.

Resolveu tomar outra talagada...

Continuou não sentindo nada...

Bebeu mais uma, e, ainda deu algumas tragadas no seu charuto.

Ficou de pé e após andar por alguns minutos, percebeu que suas pernas já não o obedeciam mais com a realidade no seu entorno alterando-se drasticamente...

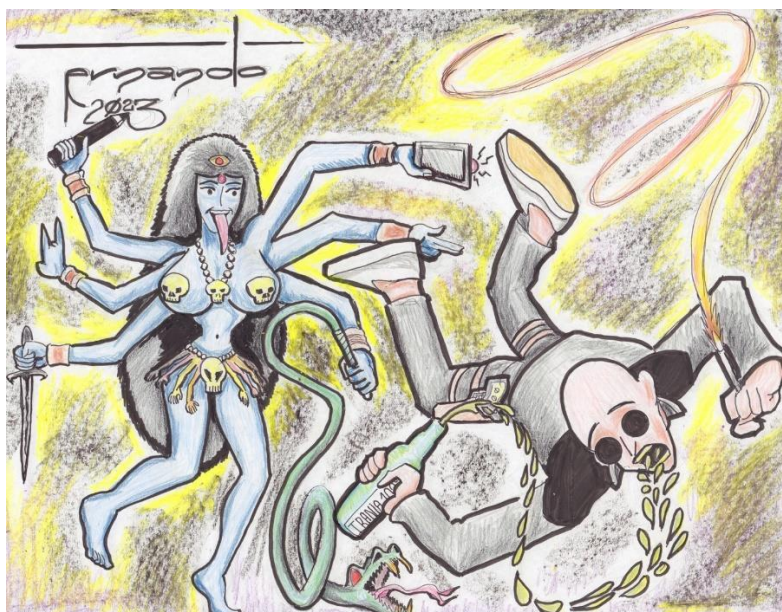


Formou-se no horizonte, grande mancha azulada que, como num passe de mágica, dividiu-se em várias formas humanoides de mesma cor, cabelos negros e olhos proeminentes.

Uma destacava-se mais que as outras. Era feminina. E gigantesca!

As formas menores começaram a tocar flautas enquanto que, a maior, batia os pés no chão produzindo a cada pisada, o som de um tambor trovejante.

Os ouvidos de Fernando Zéca quase arrebentaram com o volume da música, e seus olhos lacrimejaram, ofuscados com a visão da dançarina azul de vários braços e pernas, que, se num breve vislumbre de seu rosto revelava tranquila beleza inigualável, que só uma divindade poderia manter, em meio a um cenário tão explosivo, por outro ângulo também figurava simultaneamente na cabeça da divindade uma expressão sombria e monstruosa, de olhos arregalados, apavorantes e língua de fora..



Tanto na visão deste caso, como no da anterior, a fantástica dançarina era adornada por um colar de crânios, usava um curto vestidinho feito de braços humanos, sendo ainda, maquiada com manchas de sangue nas mãos, no rosto e pelo corpo.

Aos seus pés, ao som de cada pisada, pululavam cobras e demônios numa orquestra apocalíptica, cuja maestrina azul, destruía, ao mesmo tempo que, de suas incontáveis mãos, dentre todos aparatoss que segurava, fluía energia brilhante que dava vida fortificando tudo o que tocava.

Por alguns instantes, cujo tempo não pôde ser determinado, Zéca admirou aquele balé sinistro e encantador.

Até que uma memória distante e lóngíngua nos poucos neurónios que restaram do seu enfumaçado cérebro, associou aquela figura à de Kali, da temível e poderosa Deusa Índú da destruição

Nesse instante, de um momento para outro, todo aquele ribombar sonoro, subitamente silenciou-se, incluindo até mesmo o balé explosivo.

A poderosa dançarina virou-se para seu expectador já aturdido por conta do fumo e da Trânia, e, com voz estrondosa disse-lhe em altos brados:

-Não tente compreender as razões pois você nem ninguém têm capacidade para tanto.

“Apenas proteja a minha pequena fúria.”

E neste momento, na mente de Fernando Zéca veio a imagem da pequena Elizabeth Bondmader, que no seu passado foi sua melhor chefe.

A divindade continuou o discurso:

Da minha protegida, a existência da própria Federação dos Planetas Unidos na galáxia dependerá incontáveis ocasiões para sobreviver pavoneando suas ridículas virtudes pacifistas no futuro.”

“Não ouse ignorar minhas palavras, mesmo que tua infinita ignorancia tenha impedido de compreender o significado do que EU te disse. Minha ordem vale para você e os outros dois patetas que são teus amigos!”

Em seguida, tudo ao redor de Fernando Zéca Corinthiano escureceu, e, veio o silêncio.

Em meio à treva profunda sem som, Fernando Zéca ficou mergulhado refletindo, que: a pequena fúria a ser protegida, era mesmo a pequena Elizabeth Bondmader, que, neste período de tempo ainda teria um futuro, em que comandaria o temível E.Y.E. (Serviço Secreto da Federação), com incomparável preparo, absoluta severidade e mão de ferro.

Por conta de sua implacável determinação, em busca de Justiça, e até de indisfarçada sede de vingança, ela seria chamada de “a quarta fúria”, em referência às divindades gregas, determinadas e intolerantes na aplicação de seus castigos.

Irritada e nervosa como ela só, a pequena Bete no futuro seria uma workaholica temida dentro e fora da galáxia pela sua ilimitada devoção à segurança da Federação e de seus ideais.

Mas para tanto, a pequena bebezinha, ainda teria de sobreviver às aterradoras forças que ameaçavam sua vida.

Luz ofuscante machucando os olhos...

Aos poucos uma massa sonora foi ficando cada vez mais audível...

Quando a barulheira parecia que explodiria seus pensamentos, foi dividindo e identificando cada som até que então reconheceu vozes.

Sua visão melhorou, o foco se ajustou, e Fernando Zéca percebeu que Azulão estava diante dele, fazendo-lhe um checkup passando próximo a sua tempora, algum dos instrumentos médicos.

-P*rr@ Zéca! Misturaste essa Trania com teus charutos e acabaste passando mal.

“Mais um pouco e teria embarcado desta para melhor...”

-Foi assim tão ruim? - Indagou Zéca, com ar temeroso.

Azulão desviou o olhar para outra direção e respondeu com tom de voz firme:

-Bem sabes que não podes mais cometer esse tipo de abuso!

“Já não tens mais idade para tanto!”

-Isso de fato, sei. - Confirmou Fernando Zéca, que fêz uma pausa e continuou: -Tem razão, meu amigo... Posso ter passado um pouco dos limites, mas, foi por uma boa causa...”

-Boa causa? - Indagou o andoriano aturdido. - Passaste mal pondo sua própria vida em risco e vens me falar de boa causa?

“Do que se trata agora?”

-Acho que tive uma premonição muito forte, durante a minha ressaca.

-Outra das tuas famosas alucinações regadas a coquetéis de drogas com álcool?

-Veja bem...

-Senta, que lá vem estória... - Disse Karrov, que, ouvia tudo em silencio.

-Não é estória! Estou falando verdade... - Protestou Zéca

-Essa Trânia é boa mesmo Karrov. - Interrompeu Azulão. - Alucinou o velho!

-Com certeza. - Concordou o klingon, mal conseguindo esconder um sorriso sarcástico. - Mas, a título de mera curiosidade, estou disposto a ouvir o que a Trania e o fumo fizeram na cabeça dele...

-Que seja! Para fins de contribuição à ciência, vamos pagar os pecados escutando os disparates que passaram por dentro desta careca depois de misturar charutos com trânia. - Disse o andoriano. - Certamente teremos relatórios de experimentações para alertarem outros desavisados a celebrarem com maior prudência, as datas importantes.

-Veja bem... - Começou Fernando Zéca...

Só então o andoriano e o klingon ficaram escutando, com ares de extrema concentração.

-Veja bem... - Repetiu Fernando Zéca. - Temos que ajudar a Elizabeth.

-Essa foi a sua grande revelação? - Indagou Karrov.

-Sim.

-Pois era exatamente sobre isso que íamos falar contigo, logo depois que a Bete nasceu. - Reclamou Azulão. - Mas você saiu distribuindo charutos e fugiu para fumar...

-É um momento histórico, este que testemunhamos.

-Sim. De fato. Mas temos que sair mesmo daqui. - Disse Karrov. - Podemos ser atacados novamente.

-Essa probabilidade, é mesmo bem alta. - Concordou Zéca. - O ideal seria seguirmos para uma região segura.

-Conan nos disse que eles estavam indo para um lugar chamado Orange Olympic City. - Comentou Karrov.

-Foi então que o teu aparelho voltou a funcionar indicando uma nova direção. - Disse Azulão que, mostrou o artefato, com o sinal aceso.

“Ele tinha parado de sinalizar depois que chegamos aqui, mas, agora se manifestou novamente.”

-Em que direção fica Orange Olympic City?

-Na direção que o sinalizador está mostrando. - Respondeu Azulão.

-Então, acho que não estaremos errando se formos para Orange Olympic City. - Disse Fernando. - Podemos partir o quanto antes? Aqui ainda estamos muito expostos...

-Só tem um problema. - Disse Karrov.

-O que é?

-Faltam dois motoristas para pilotar estes veículos.

-E os que estavam dirigindo?

-Estão bêbados demais.

Fernando Zéca olhou para aqueles imensos colossos de oito rodas e disse:

-Minha carteira de piloto está com a anuidade vencida, mas, como voltamos no tempo, acho que, agora, talvez ela tenha validade novamente.

-Sua carteira de piloto não vale nada em lugar nenhum, mas, todos sabemos que isso não vai ser impedimento para você conduzir uma jamanta dessas.

-De fato! - Concordou Zéca com Azulão. - E tenho certeza de que, sua externa confiança na minha condução é tanta, que você até me auxiliará com tua navegação.

-Claro! Sem problemas. - Aceitou o convite Azulão. - Alguém tem que limpar as m3#d@s que você vai fazer enquanto dirigir...

“Como nos velhos tempos!”

-Como nos velhos tempos. - E você Karrov? - Indagou Fernando Zéca.

-Como nos velhos tempos p*rr@ nenhuma! Eu olho adiante e não quero saber das velharias.

“Já me basta eu mesmo como relíquia de coleção antiga.”

“Vou dirigir o outro veículo, e, se é para lembrar os velhos tempos, seguirei atrás de vocês para garantir que não façam c@g@d@s pelo caminho.”

-Não me sacaneia, Karrov, quem passa o tempo no banheiro é o Zéca. Ele tem 3 diarreias por dia!

-É no banheiro que eu faço minhas leituras e reflexões diárias... Não me amolem vocês dois. - Fernando Zéca deu uma bufada concluindo: - É... Parece que parte do “bando de loucos” está ativa novamente.

-Como nos velhos tempos... - Concordou Karrov. - Quanto à parte do “bando de Loucos” que não está espalhada, a que se encontra aqui, segue , ativa e firme...

-Firme?

-Firme que nem geleia na areia quente.

Pouco depois, os preparos para o avanço da caravana estavam prontos.

Fernando Zéca pilotaria, e Azulão navegaria, o veículo que lideraria o comboio.

Karrov conduziria o segundo, onde transportaria a família de Elizabeth.

Acomodado na poltrona de pilotagem, Fernando Zéca analisava os instrumentos e controles, concluindo, numa primeira avaliação, que: a condução naquele caso, demandaria muita paciência e programação, já que, o auxílio dado pela inteligência artificial dos computadores de bordo, seria significativamente importante.

Na navegação, Azulão conferia a rota, as condições de relevo e os demais cálculos.

O andoriano sabia que, Fernando Zéca sem sua ajuda, perderia os tocos de cabelo ainda dispostos na sua basta calvície, de tanto passar nervoso.



-Aqui tudo pronto, Zéca.

-Sistemas alinhados?

-Sistemas alinhados e perfeitos. - Confirmou Azulão.

Os motores rugiram e, cada um daqueles monstros de 8 rodas moveu-se lentamente formando um comboio rumo a Orange Olympic City, uma das tais megalópoles envoltas em gigantescas redomas transparentes, aonde as coisas ainda funcionavam naquele planeta, tendo ativas a economia, as comunicações e até uma ampla rede de teletransportes, para espaçonaves eventualmente presentes em órbita.

A medida que os monstruosos veículos ganhavam velocidade, eles se alinharam um atrás do outro, formando a gigantesca minhoca.

A distancia entre cada um deles, era mínima, apenas para permitir alguma mobilidade diante dos prováveis imprevistos.

Além do combinado rugido monstruoso de todos os motores, aquela formação levantava uma nuvem de poeira que só tendia a aumentar

Logo, os veículos aceleraram aumentando ainda mais a velocidade e barulheira.

-Alguma coisa pela frente, Azulão?

-Tá tudo limpo.

Através das espessas janelas de alumínio transparente, Fernando Zéca verificava o cenário correndo em alta velocidade, e as informações dispostas no vidro.

A “minhoca” formada pelos veículos correndo juntos, avançava cada vez mais rapidamente, até para fugir de qualquer eventual ataque.

De-repente, a barulheira e as vibrações cessaram.

-Velocidade estável e subindo. - Disse Azulão.

-Aqui atrás, tudo em ordem.

Zéca se virou para o andoriano, e apontou para um botão no console, onde havia uma tampa protetora transparente.

-Vais mesmo acionar esse negócio, Zéca?

Fernando Zéca com uma mão apontou para o relógio, indicando a preocupação com o tempo, e, com a outra, fez um sinal positivo.

-Ok! - Disse o andoriano, que, sem pestanejar, levantou a tampa de proteção do referido botão e o apertou.



Veio o tranco!

Todos ficaram imprensados nas poltronas.

Mesmo no colo de sua mãe a pequena Elizabeth resmungou um pouco, mas, logo se habituou àquele breve desconforto.

O trio protagonista destas linhas talvez até, dissesse que este seria um sinal do temperamento da pequenina, cujo futuro estava sendo protegido.

Assim, a “minhoca” avançava, ainda mais veloz.

Na cabine de pilotagem onde estavam Zéca e Azulão, no painel apareceu um brilho imprevisto, confundindo o navegador...

-Não sei o que é... Apareceu aí agora.

-Caramba!

No instante seguinte, o inesperado barulho de um forte impacto assustou a dupla!

O som dela veio diretamente do para-brisas dianteiro do veículo, onde havia um humanoíde verde, esmagado, que, acabara de ser atropelado.

-É um suliban. - Informou Azulão, enquanto o limpador de para-brisas eliminava a sujeira e, o aturdido navegador apontava para o monitor, onde começaram a aparecer dezenas de outros pontos brilhantes iguais ao primeiro.

-Droga. - Disse Zeca. - Vamos manter a aceleração. Aconteça o que acontecer...

-Você manda! - Disse Azulão. - Alguma preocupação?

-Acabei não falando sobre a visão que tive.

“Havia nela uma divindade, não entendo muito do assunto, mas acho que era Kali, a Deusa destruidora de forças demoníacas que insistia no nosso dever em proteger a Bete.”

“Quase que nos ameaçava para tanto.”

-Nos ameaçava? Eu também apareci no teu sonho?

-Você não apareceu no meu sonho porquê eu não sonho com macho. Só com mulher bonita.

“Mas essa Deusa que eu sonhei...”

“Bom, ela mandou ameaça para nós três...”

-Tá de brincadeira??? Nem precisava ameaçar. Defendo a chefinha com o que tiver na mão, custe o que custar.

-Eu mais ainda, mesmo assim, o aviso veio para nós três. Temos que proteger a Bete.

-Como se até agora, nunca tivéssemos feito nada por ela.

-Claro que fizemos! Mas acho que o aviso vem com o intuito de nos colocar em alerta para outras ameaças vindouras.

-Mais sulibans? - Indagou Azulão apontando para os últimos pedaços ainda não limpos do finado esmagado no para-brisa.

-Provavelmente.

“Os sulibans do Cabal sempre odiaram a Bete porque ela conseguia desbaratar na maior facilidade, todos os planos infalíveis que eles elaboraram contra a Federação dos Planetas Unidos.”

-A chefinha nasceu com o tal preparo, Zeca. Tu sabe melhor que todos nós...

-Não digo mais nada, Azulão.

“Ou melhor; direi duas coisas:”

“A primeira, é que comprovamos ser verídica a história da Bete ter nascido com o famoso tal preparo dela que, eu mesmo, nem sei o que é.”

“Em segundo lugar:”

“A gente fica velho e mesmo com as vistas ruins, não para de se assombrar com o que o tempo nos mostra, coisa que, só mostra o quanto a vida é engraçada.”

As recordações do passado e as reflexões filosóficas poderiam continuar indeterminadamente, até que, mais uma vez, o caminho dos veículos em conjunto, que mais pareciam uma minhoca de vários vagões, foi obstruído por sulibans que apareceram para ter idêntico destino ao outro anteriormente atropelado..

Ainda assim, os tipos ameaçadores não continuavam aparecendo, às dezenas, numa rota que já havia sido anteriormente verificada, tendo nada sido encontrado nela.

-Estou recebendo uma chamada. - Disse Azulão.

-Põe na tela principal.

No maior monitor do console, apareceu a imagem de um suliban, com sua característica pele esverdeada reptiliana.

Este, não perdeu tempo com apresentações, e foi logo direto ao assunto:

-Entreguem Elizabeth Bondmader, e nos poupe trabalho.

“Dou-lhe minha palavra, que cumpridos os meus termos, permitirei que siga seu caminho sem amolações.”

-Sua palavra vale menos do que a água na minha cuspidora. - Respondeu Fernando Zéca, que, em seguida, encerrou o contato.

-Seus charutos estão te deixando nervoso. - Comentou Azulão.

Zéca olhou para o fumo e disse:

-Não são os charutos. São estes sulibans. Nunca gostei dessa turma do Cabal...

-Ninguém gosta deles.

-Seria bom acionarmos os canhões “Betsye” que eu trouxe.

“Você conseguiu arrumá-las conforme te pedi, Azulão?”

-Sim. Instalei-os na cobertura externa do nosso veículo.

“Quer lança-los agora como escolta aérea?”

-Sim. Por favor.

Acionado o comando num dos monitores, da parte externa do veículo, elevaram-se as três poderosas armas cuspidoras de raios destruidores.

Flutuando acima do veículo lider da “minhoca”, aquele armamento, acompanhava o comboio de um ponto onde podia protegê-lo, garantindo seu avanço.

Tal precaução, logo mostrou-se acertada, visto que, novas ordas sulibans sucederam-se ainda mais violentas e agressivas, vindo armadas até mesmo com veículos, terrestres e voadores.

De qualquer forma, a louca corrida seguia desenfreada, com a “minhoca” atropelando e, dizimando, impiedosamente o que quer que se interpusesse no seu caminho.

E chegou então, o trecho do trajeto mais preocupante: o Mar de Dunas.

Não que, um exercito assassino de sulibans “cabalistas”, por si só, não fosse uma preocupação suficientemente digna, para o amante da paz..

Claro que era.

A ofensiva, que desperdiçou milhares de vidas dos próprios atacantes, pouco perigo representou para a caravana em fuga que agora, tinha a expectativa de estar fugindo da panela para cair diretamente no fogo dos infernos.

Se já era mal frequentado por feras e animais de todos os tipos que alí se escondiam, pra piorar, o ambiente do Mar das Dunas, apesar de aparentemente desértico, era cheio de armadilhas de todos os tipos.

Suas areias açotadas por ventos fustigantes, e, as temperaturas escaldantes de dia, podiam rapidamente arruinar qualquer equipamento de alta tecnologia, que não tivesse o preparo para superar os desafios locais.

A despeito de tantos perigos e ameaças, a “minhoca” de veículos, e, os sulibans,

continuaram se degladiando em uma corrida maluca, avançando em conjunto, diretamente para o Mar das Dunas, como se ali, não houvesse qualquer preocupação a ser considerada...

E de-repente, aproximadamente a vinte metros do lado esquerdo do comboio, ocorreu uma grande explosão de areia, de cujo interior, saiu um gigantesco verme de dimensões mastodonticamente colossais, que, pela trajetória de seu movimento dava a impressão de procurar alguma coisa nas nuvens, até que, dado momento, quando parecia que sua ascensão nunca mais terminaria, ele passou a despencar das alturas.

Nada era possível fazer, naquele momento imprevisível, a não ser, continuar acelerando tudo o que os motores do comboio podiam dar, mesmo sem saber, se este seria atingido pela queda da colossal criatura.

O suspense não foi eterno.

Nenhum veículo do comboio sofreu qualquer dano, seguindo a toda velocidade rumo a seu destino.

O mesmo não se pode dizer dos sulibans do cabal, que tentavam frear os veículos.

Foram dizimados aos milhares pela queda esmagadora que os acertou em cheio.

As ameaças não haviam terminado.

O verme seguia velozmente o comboio, e outros de sua espécie, tão assustadoramente colossais quanto o primeiro, infestavam a linha do horizonte, eventualmente formando até, com os próprios corpos, gigantescos arcos sombrios.



Fernando Zéca acelerou ainda mais a velocidade, forçando ao máximo, os motores que já rugiam a plena potência.

Azulão que observava as telas de monitoramento, fez uma observação:

-Me parece que estes vermes poderiam até avançar mais velozmente que nós, se quisessem.

Fernando Zéca ficou preocupado com a informação...

-Quanto aos vermes, não sei, mas, eu, daqui, não tenho como acelerar mais, meu irmão...

-Acho que nem precisa, Zéca. Estes vermes gigantes parecem na verdade, estar nos dando um “empurrão” para sairmos do Mar de Dunas.

O piloto observou os monitores e indicadores com atenção redobrada...

Então concluiu:

-De fato... - Concordou Zéca. - As areias não estavam permitindo um posicionamento perfeito aos nossos sensores, mas, este verme parece estar nos conduzindo para a saída mais curta da região.

-Repare que nenhum deles está no nosso caminho... - Apontou o navegador.

Fernando Zéca acreditava na sobrenaturalidade ocorrendo diante do seu nariz, mas, seu lado científico insistia em questionar...

-Mas será???

Do comunicador, Karrow deu resposta para aquela conversa:

-Não duvido que seja coisa da chefinha.

“Lembrem-se que ela usa o tal preparo dela, até para telepaticamente, “falar” com os bichos...”

Fernando Zéca Corinthiano e Azulão, ficaram pensativos pois, eles próprios já haviam testemunhado os talentos extraordinários de sua futura chefe.

Ninguém sabia explicar, mas o tal preparo era mesmo forte nela.

O silêncio digno de reflexão entre pensadores reinou até ser interrompido.

-E como está a chefinha, Karrow?

-Não mudou nada. Sossegou depois que a confusão começou.

“Acabou de tomar a mamadeira e está dormindo.”



A tensão reinante na cabina de pilotagem só encerrou-se depois que o comboio saiu do Mar das Dunas.

-Agora é o último trecho...

“Mas, só temos mais um probleminha.” - Alertou Azulão, ao verificar alguns dos mostradores.

-O consumo das baterias está alto?

-Nessa tocada que você está levando, pode ser que não consigamos chegar.

-Se eu diminuir poderemos acabar cozinhados debaixo do sol...

-Eu sei.

-Vou tentar aqui um recurso...

Fernando Zéca desligou a refrigeração das cabines de pilotagem em todos os veículos, exceto no que estava Elizabeth.

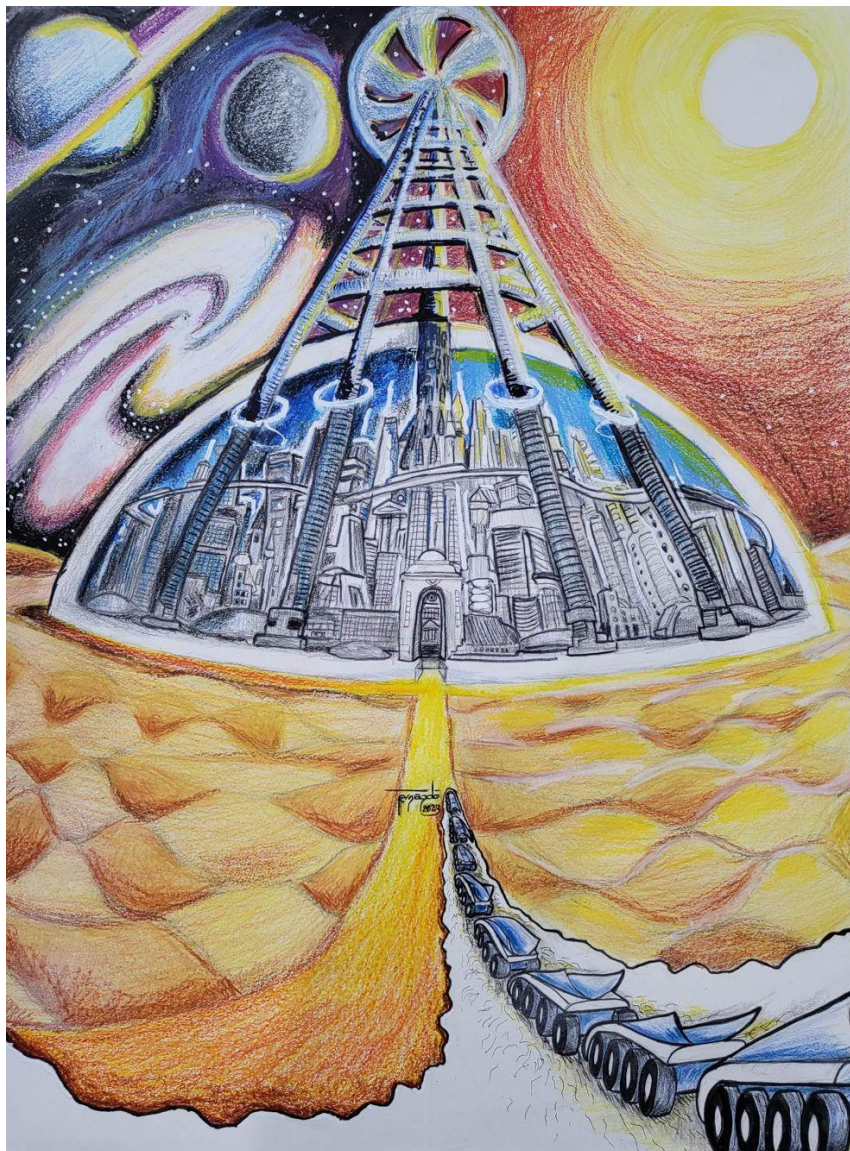
-O Karrov ficará furioso!

-Justamente a cabine dele será a única a ficar refrigerada.

-Ele ficará inconformado por não ter participado do sofrimento necessário para cumprir a missão.

-Karrow é um verdadeiro sofredor corinthiano, mas, neste caso, sorte dele!

“Quero mais é que ele, e, principalmente a Bete, cheguem ao destino com ótima disposição...”



Por muito pouco, quase que tudo deu errado!

A energia foi suficiente para a chegada, entretanto, o caminho final, que dava acesso à redoma de Orange Olympic City, teve que ser alterado, visto que, a entrada programada para acessar a Metropóle estava bloqueada, e, o comboio teve que rodar um pouco mais.

Entretanto, finalmente, uma vez dentro do domo brilhante que protegia a cidade, as coisas ficaram menos tenebrosas, confusas e mais refrescantes, por conta do ar condicionado.

Elizabeth e sua família finalmente, foram levados com segurança a um moderno hospital, onde tanto ela, como a mãe, puderam receber maior atenção.

Fernando Zéca, Karrov e Azulão depois de tudo, tinham o sentimento de missão cumprida.

-Não sei se vou lá fora fumar uns charutos ou se como alguma coisa na lanchonete.

-Muito provavelmente vai fazer os dois. - Disse Karrov.

Azulão tirou algo da mochila que levava.

Era o tal aparelho sinalizador que, eventualmente funcionou como navegador dos protagonistas destas linhas.

Uma luz nele estava piscando, indicando nova direção para o trio seguir.

-Ah não... Será que teremos mais problemas pela frente?

Repentinamente, uma névoa branca cercou os três, engolindo no meio da sua claridade quase cegante, tudo ao redor.

Logo adiante deles, surgiu uma porta branca, exatamente como aquela que antes os trouxera, para o tempo em que se encontravam.

-Acho que agora não nos resta muita escolha. - Disse Zéca.

-Mas... Partimos assim... Sem mais nem menos? - Indagou Azulão. - Nem mesmo uma despedida?

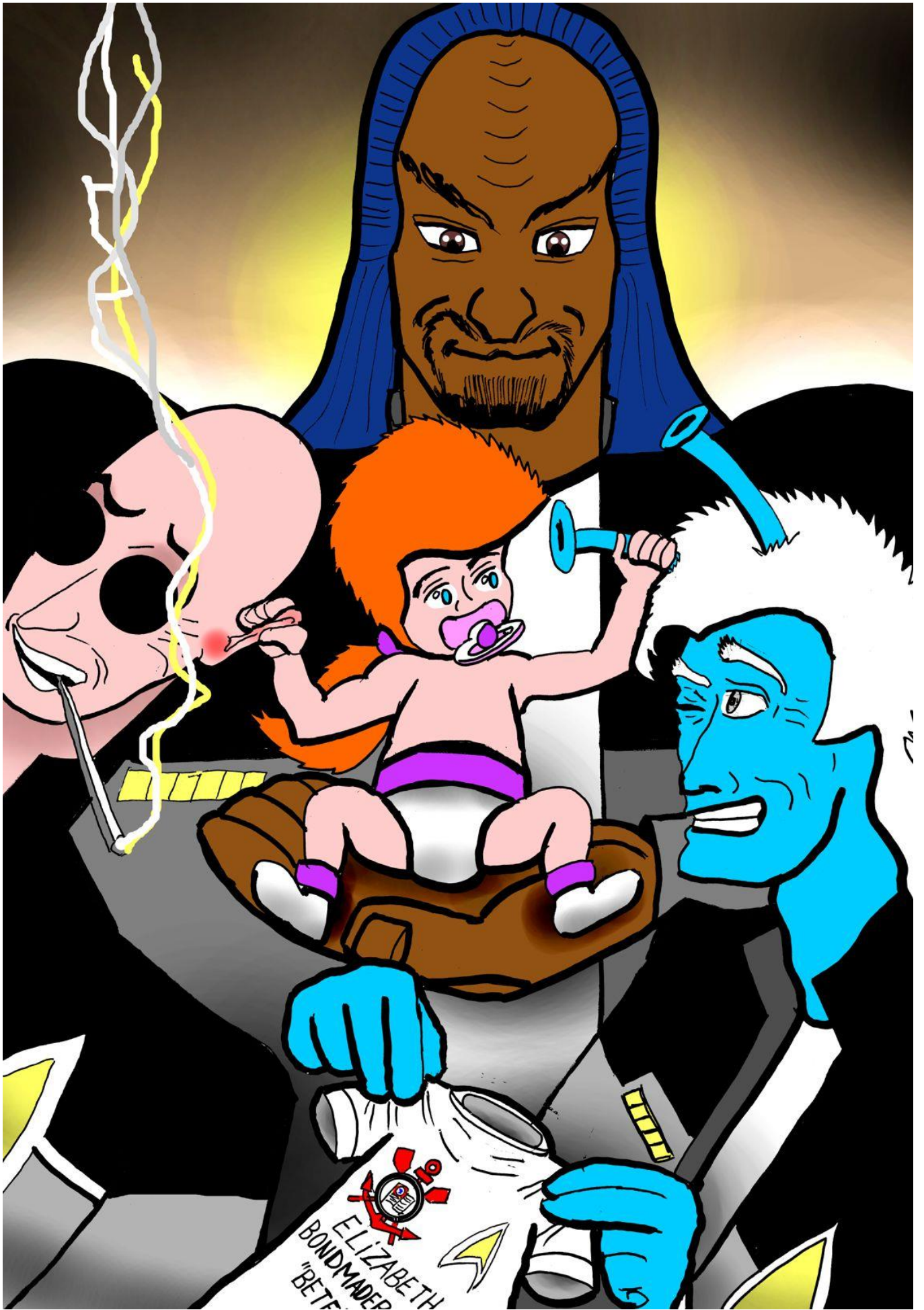
A porta se abriu mostrando o destino além dos seus umbrais.

O que quer que alí houvesse, era mistério...

-É hora de partirmos. Sinto que nossa participação aqui se encerrou. - Disse o velho Fernando Zéca Corinthiano.

Sem mais palavras, Karrov e Azulão avançaram para o outro lado da porta, no que, foram seguidos pelo velho carequinha fumante de óculos que, ao seu modo jocoso, ainda reclamou :

-Nada mais havendo para dar errado, o final provavelmente será feliz.



Fernando Zéca Corinthiano, Azulão e Karrov, atravessaram a porta, e logo a seguir, viram-se num lugar e tempo totalmente diferentes.

Voltaram para o futuro, de onde tinham partido, antes de realizarem aquela extraordinária jornada.

Assim que reconheceram o ambiente familiar, ainda assim, mal puderam respirar aliviados pois tiveram outra surpresa:

-Marge! - Exclamou em uníssonos, o trio surpreendido com aquela presença inesperada...

A belíssima andoriana, alta e muito sexy, vestindo uniforme de cadete da frota estelar, os aguardava com um imenso sorriso.

-Mais de meio século que eu não a vejo e ela não mudou nem mesmo a patente.

-Continua jovem como antigamente, Marge? Qual é o creme que tu passa na pele, menina???

-Ah! Esse é um segredo.... - Disse ela gargalhando logo em seguida.

Os três a abraçaram efusivamente.

-Esse careca maldito me disse que você tinha planejado tudo isso aqui e eu não acreditei nele.



-Pode acreditar! Ele não mentiu. - Disse ela sorridente.

-Não mentiu dessa vez. - Berrou Karrov. -

“Marge: conta pra gente o seu segredo. Você não envelhece?”

-Não envelheço, Karrov. - Ela respondeu.

Os três ficaram ainda mais surpresos.

Marge então se atracou com Zéca num sofá.

Alí, ela começou a dar uns amáçcos no surpreendido velho careca.

O klingon e o andoriano torceram a cara:

-Ei! Isso é nojento.

-Não sei como ela consegue.

“A Marge só pode ser uma espécie de semi-deusa santificada para aguentar o Zéca.”

-É muita generosidade dela.

“Esse careca pervertido não merce uma andoriana tão maravilhosa assim, mas, não

vou ficar por aqui para os dois avançarem até um final feliz.”

-Espere por mim. Vou nessa contigo, Karrov.

“Daqui a pouco, o casal aí estará descambando para a pornografia, e o mote da nossa história não é esse.”

“Vamos assistir o jogo do Corinthians que ainda dá tempo de chegar antes do encerramento da partida.”

-Até mais pessoal. - Despediram-se Azulão e Karrov que partiram, deixando a sós a dupla que, ficou se entretendo com algo muito mais elevado que o mero ato carnal do prazer sexual.

Mas este entendimento o(a) querido(a) leitor(a), melhor terá, realizando o supremo esforço de permanecer atento às próximas linhas das PARODIAS APÓCRIFAS que logo vão chegar na segunda parte desta obra que, SIM!

CONTINUA ...











